



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

SUELLEN DE CARVALHO SILVA

**MULTICULTURALISMO E PEDAGOGIA: UM DIÁLOGO
NECESSÁRIO**

Rio de Janeiro
2017

SUELLEN DE CARVALHO SILVA

**MULTICULTURALISMO E PEDAGOGIA: UM DIÁLOGO
NECESSÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Ivenicki

Rio de Janeiro

2017

SUELLEN DE CARVALHO SILVA

**MULTICULTURALISMO E PEDAGOGIA: UM DIÁLOGO
NECESSÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Ivenicki

Aprovado em: 31 de maio de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Ivenicki

Examinadora 1: Prof.^a Dr.^a Giseli Pereli de Moura Xavier

Examinador 2: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Aos meus pais, Sueli e Luiz, grandes
incentivadores de toda a minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai Todo-poderoso, por todas as coisas, mas de uma forma especial pela benção de ter cursado a Pedagogia, por me guiar desde o início e me permitir chegar até aqui e pelas pessoas que colocou em meu caminho. Sem Ele nada teria sido possível.

Aos meus pais, Sueli e Luiz, sustentáculos incontestes da minha vida, por lutarem incansavelmente para que eu tivesse uma boa educação e por serem meus exemplos, mas, principalmente, por tanto amor.

Ao meu irmão, Luiz Felipe, por sempre me incentivar e me socorrer quando havia algum problema técnico com o computador.

Ao meu amado noivo, Wanderson, meu grande amigo e companheiro, por tanto incentivo e abnegação demonstrados em prol do meu êxito.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Ana Ivenicki, tão querida e bondosa, por me permitir compartilhar da sua extrema sabedoria e competência, pela paciência e pelo incentivo.

Aos professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro por todos os conhecimentos compartilhados e pelas contribuições a minha formação.

Aos meus amigos por todo o apoio necessário a minha formação, ajudando-me na busca do amadurecimento pessoal e profissional, mas de uma forma especial, à Natalia, Adriana, Lucília, Ana e Thereza pela amizade e companheirismo e por tornarem minha trajetória acadêmica e a minha vida mais felizes.

Aos professores da banca examinadora, Giseli e Reuber, pela gentileza em participar e pelas contribuições para o aprimoramento do presente trabalho de pesquisa monográfico.

As pessoas têm direito a ser iguais sempre que a diferença as tornar inferiores; contudo, têm também direito a ser diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades.

Boaventura de Sousa Santos

RESUMO

A educação é um direito que deve ser assegurado a todas as pessoas e a diferença é um elemento intrínseco a elas. Vivemos em uma sociedade multicultural, onde a temática das diferenças culturais tem se multiplicado, e o reconhecimento dessa realidade é cada vez mais forte entre os profissionais da educação. No entanto, ainda podemos identificar no cotidiano de instituições de ensino situações em que alunos com determinadas marcas identitárias são discriminados e excluídos, além de práticas monoculturais destinadas aos discentes como se fossem um bloco homogêneo. Essa realidade demonstra a urgência do diálogo entre o multiculturalismo e a Pedagogia, uma vez que o curso tem papel relevante na formação de docentes multiculturalmente orientados. Desse modo, o presente trabalho de pesquisa monográfico buscou identificar em que medida o multiculturalismo pode contribuir para entender os universos culturais plurais dos graduandos de Pedagogia e auxiliar na permanência dos mesmos. A pesquisa que possui como referencial teórico os pressupostos do Multiculturalismo Crítico, está pautada na metodologia qualitativa. Nessa direção, foi feito um estudo de caso na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro com entrevistas realizadas, em um primeiro momento, com alunos do 1º período que escolheram a Pedagogia como segunda opção, uma vez que é preciso reconhecer que, além de marcadores identitários, como gênero, raça, religião e orientação sexual, a diversidade cultural também se revela na opção de escolha pelo curso; em um segundo momento, com a Coordenadora do Curso de Pedagogia, atuante no ano de 2015, acerca das perspectivas culturais plurais dos alunos do curso. Os dados colhidos na pesquisa revelaram que ainda há a necessidade de uma maior incorporação das perspectivas multiculturais nas práticas pedagógicas e no currículo do curso e apontaram a importância de se formar professores multiculturalmente orientados que rompam com um ensino homogeneizador e que sejam valorizadores da diversidade cultural, sendo esse um desafio que precisa ser assumido nos cursos de formação de professores, com vista a desenvolver nos alunos o anseio de desafiar tudo o que estigmatize e oprima a diversidade cultural.

Palavras-chave: Multiculturalismo; Pedagogia; Diversidade Cultural; Formação de Professores.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: O PROBLEMA E OS OBJETIVOS DO ESTUDO.....	10
1.1 Introdução.....	10
1.2 Problema.....	13
1.3 Objetivos.....	13
1.4 Referencial Teórico.....	13
1.5 Metodologia.....	17
CAPÍTULO 2: A DIVERSIDADE EM TERMOS DE OPÇÃO PELA PEDAGOGIA.....	18
2.1 Introduzindo a Questão.....	18
2.2 A escolha pela Pedagogia como segunda opção: uma marca da pluralidade.....	19
2.3 Ouvir vozes silenciadas é valorizar o caráter multicultural da sociedade.....	22
2.3.1 Formar professores para uma educação multicultural.....	26
2.4 O currículo de Pedagogia sob a ótica dos estudantes entrevistados.....	29
2.4.1 Diversidade de escolhas: a permanência, transferência ou desistência?....	33
CAPÍTULO 3: PENSANDO MULTICULTURALMENTE: ENTREVISTA COM A COORDENADORA.....	37
3.1 Introduzindo a questão.....	37
3.2 A diversidade cultural no curso.....	38
3.3 A diversidade em termos de gênero.....	40
3.4 A diversidade em termos de orientação sexual.....	40
3.5 A diversidade em termos de raça.....	42
3.6 A diversidade em termos de classe social.....	42
3.7 A diversidade pela opção do curso.....	43

3.8 O currículo de Pedagogia e a diversidade.....	49
CAPÍTULO 4: CONCLUSÕES.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	62

CAPÍTULO 1

O PROBLEMA E OS OBJETIVOS DO ESTUDO

1.1 - INTRODUÇÃO

Diversas têm sido as leituras a respeito da sociedade em que vivemos. A dificuldade em analisar uma sociedade tão multifacetada tem levado vários autores, dentre eles, literatos, cientistas sociais e filósofos, a caracterizá-la por meio de metáforas (Candau, 2012a), como, por exemplo, “Sociedade em Rede” (Castells), “Sociedade Líquida” (Bauman), “Sociedade Global” (McLuhan) e “Choque de Civilizações” (Huntington).

Neste contexto intensamente rico e plural de buscas diversificadas e vastas discussões, outra forma de identificá-la e que ocupa posição central nesse trabalho de pesquisa monográfico é o que denominamos de sociedade multicultural, caracterizada pela diversidade e constituída nas diferenças e na pluralidade (CANEN; XAVIER, 2005).

Questões relativas à diversidade cultural têm sido objeto de crescente visibilidade social e acirradas discussões e polêmicas em diversos espaços sociais, de movimentos sociais às salas de aula, de grandes mídias às redes sociais (CANDAU, 2016). Pluralismo religioso, relações étnico-raciais, questões de gênero, diversidade sexual, povos tradicionais, classe social e opções de escolhas distintas, entre tantos outros,

[...] são temas que provocam debates, reações de intolerância e discriminação, assim como suscitam diversas iniciativas orientadas a trabalhá-las em uma perspectiva orientada à afirmação democrática, à aceitação da diferença e à construção de uma sociedade em que todos e todas possam ser plenamente cidadãos e cidadãs (Ibidem, p. 343).

Argumentamos, na presente monografia, que a diversidade cultural também pode se caracterizar a partir das opções dos estudantes pelo Curso de Pedagogia. Assim, existe uma diversidade que também se traduz na presença de alunos que cursam a Pedagogia como primeira opção e aqueles que cursam Pedagogia como segunda opção. Assim, unindo este fator à diversidade racial, étnica, de gênero, assim por diante, temos um quadro de diversidade cultural grande no Curso de Pedagogia. Por isso, é preciso nos questionarmos até que ponto

esta diversidade tem sido um desafio tratado pelo curso, a partir dos discursos dos alunos e gestores.

É válido ressaltar que desde 2011, ao ingressar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Curso de Graduação em Pedagogia, foi possível observar que há um frequente ingresso de alunos na Pedagogia como uma segunda opção, não sendo o curso almejado por estes.

Nessa direção, esse fato se tornou cada vez mais perceptível a partir das constantes perguntas dos docentes acerca do ingresso no curso, principalmente no primeiro, segundo, terceiro e quarto períodos, onde um número considerável de alunos afirmou que ingressaram no Curso de Pedagogia como uma segunda opção. Outros disseram que escolheram o curso como primeira opção, mas que viveram o grande dilema entre fazer inscrição no curso desejado ou no que tinham nota para ingressar no Ensino Superior. Portanto, esses fatos corroboram com a veracidade das afirmações supracitadas.

É relevante salientar que, no decorrer dos períodos, alguns desses alunos desistiram de cursar a Pedagogia, outros permaneceram e outros, ainda, trocaram de curso. Também é indispensável destacar que alguns discentes responderam que escolheram o Curso de Graduação em Pedagogia como sua primeira opção, pois sempre desejaram serem pedagogos. Além disso, é válido ressaltar que o acesso dos estudantes à Universidade Federal do Rio de Janeiro e a diversas outras instituições públicas de Ensino Superior é realizado por meio das vagas oferecidas por estas universidades no Sistema de Seleção Unificada (Sisu) — sistema gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC) — aos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

Dessa forma, por meio das respostas ouvidas, foi possível inferir que a nota obtida no ENEM pelos alunos que escolheram o Curso de Pedagogia como segunda opção, não foi suficiente para ingressar no curso desejado e, portanto, alguns deles queriam utilizar a graduação em Pedagogia para efetivarem o ingresso no Ensino Superior ou a transferência de curso. No entanto, o que muitos não sabem é que para que a transferência de curso ocorra é necessário que ambos os cursos sejam de áreas afins, motivo pelo qual alguns alunos desistem de cursar a Pedagogia. Também é importante ressaltar que alguns conseguem a transferência de curso e outros permanecem no Curso de Graduação em Pedagogia.

Nesse sentido, o próprio fato de se ter no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, alunos que estão nele por primeira opção e discentes que estão por segunda opção, por si só já mostra uma diversidade.

Além disso, durante todo o meu percurso acadêmico na referida universidade tornou-se cada vez mais perceptível e inegável a grande pluralidade existente no curso, composto por identidades plurais, sejam elas em termos raciais, de gênero, de linguagem, de religião, de sexo e outros marcadores identitários. Portanto, consideramos importante analisar a pesquisa desenvolvida nesse trabalho monográfico partindo da perspectiva do multiculturalismo, que é um conjunto de respostas à diversidade cultural. De acordo com Ivenicki & Canen (2016, p. 53), “significa diferentes ideias para diferentes pessoas e instituições”.

Em trabalhos desenvolvidos por Canen (2012), Canen & Canen (2005), Canen & Moreira (2001) e Ivenicki & Canen (2016); bem como a partir de autores que tem trabalhado com a perspectiva multicultural, como Hall (1997), Bhabha (1998) e McLaren (2000), o multiculturalismo tem sido interpretado em diferentes abordagens, sendo percebido desde perspectivas folclóricas e liberais — tratam da valorização da diversidade cultural, porém reduz as estratégias de trabalho a práticas pontuais e superficiais, como eventos de caráter comemorativo, músicas, danças, por exemplo — até perspectivas críticas — o foco é “o questionamento a racismos, sexismos e preconceitos de forma geral, buscando perspectivas transformadoras nos espaços culturais, sociais e organizacionais” (IVENICKI; CANEN, 2016, p. 53). Dessa forma, dentre as variadas concepções de educação multicultural que atravessam a literatura sobre essa temática, defendemos, no presente trabalho de pesquisa monográfico, esta última. Defendemos a adoção de um multiculturalismo crítico na Universidade e nos demais contextos educacionais brasileiros, essa posição, que assumida como horizonte norteador da formação de professores, pressupõe incorporar, tanto nas práticas pedagógicas como nos currículos, desafios a noções que tendem à essencialização das identidades e à negação das diferenças (SILVA, 2000; MCLAREN, 2000; CANEN; MOREIRA, 2001; CANEN, 2001).

Desse modo, é relevante para a educação brasileira investigar o perfil dos alunos que estão matriculados no Curso de Pedagogia da UFRJ, uma vez que foi implementado pelo Governo Federal um programa de política pública que supostamente democratizaria o acesso ao Ensino Superior. Neste sentido, conhecer os universos culturais plurais destes alunos pode

ser um diferencial para se promover diálogo entre a Pedagogia e os mesmos, diminuindo a evasão e tornando-os mais satisfeitos em suas escolhas.

1.2 - PROBLEMA

É fundamental lembrar que o Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro é um dos cursos da maior universidade federal brasileira, destinado à formação de profissionais para intervir nas mais diferentes realidades da educação brasileira. No entanto, um curso que possui essa grande responsabilidade e que tem uma inegável e relevante contribuição para a sociedade, tem sido escolhido por muitos ingressantes na universidade como uma segunda opção de curso.

Nessa perspectiva, há um problema que merece ser explorado: como o multiculturalismo pode contribuir para compreender as perspectivas culturais plurais dos sujeitos que escolheram o Curso de Pedagogia e como pode colaborar para a permanência desse alunado no curso?

1.3 - OBJETIVOS

Considerando o problema supracitado, torna-se necessário elencar os objetivos desse estudo: discutir o multiculturalismo, uma vez que é fundamental que a diversidade em todas as suas dimensões seja valorizada, de uma forma especial, no âmbito dessa pesquisa, dentro do Curso de Pedagogia, onde é trabalhado com a formação humana, na formação do humano com o humano. Outro objetivo desse estudo é analisar os motivos que levaram esses alunos a escolherem esse curso, porque, conforme anteriormente dito, tem se tornado frequente o ingresso de alunos que escolhem a Pedagogia como segunda opção.

Além disso, esse trabalho de pesquisa monográfico objetiva ver como o multiculturalismo pode ajudar a entender os universos culturais plurais dos alunos que escolhem o Curso de Graduação em Pedagogia, avaliar o que esses alunos acham do curso e buscar entender como o multiculturalismo pode colaborar com a permanência dos mesmos. E, ainda, analisar em que medida o Curso de Pedagogia atende a essa diversidade cultural e tem contribuído para a formação de docentes multiculturalmente orientados.

1.4 – REFERENCIAL TEÓRICO

É habitual em estudos, acerca do multiculturalismo, uma discussão no que se refere à sua conceituação. Logo, cabe ressaltar que há uma polissemia de significados para o termo multiculturalismo (CANEN; MOREIRA, 2001; CANEN; OLIVEIRA, 2002; CANDAU, 2008; IVENICKI; XAVIER, 2015). É possível afirmar que o multiculturalismo é um conjunto de respostas à diversidade cultural. No entanto, faz-se importante e necessário evidenciar a concepção do termo multicultural que é adotado por diversos autores.

Canen (2007) afirma, em seu texto “O Multiculturalismo e seus Dilemas: Implicações na Educação”, que o multiculturalismo, ao lidar com a multiplicidade, a diferença, a diversidade e a pluralidade, encara as identidades plurais como o alicerce de construção das sociedades. Segundo a autora, o multiculturalismo valoriza a pluralidade de gêneros, raças, linguagens, saberes, religiões, culturas e outros aspectos identitários para indicar que a sociedade é diversa e que tal diversidade deve ser incorporada em práticas pedagógicas e currículos.

O multiculturalismo está intrinsecamente associado ao modo de intervir e atuar na diversidade cultural. É a presença de inúmeras e distintas culturas em uma mesma sociedade, ou seja, é a nossa realidade social. De acordo com Candau (2008, p. 20) “o multiculturalismo é uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social. Trata-se de um projeto político-cultural, de um modo de se trabalhar as relações culturais numa determinada sociedade”.

E, ainda, para Moreira (2002, p. 16), “o multiculturalismo é empregado para indicar o caráter plural das sociedades ocidentais contemporâneas, essa condição inescapável do mundo atual, à qual se pode responder de diferentes formas, mas não se pode ignorar”. O autor defende que o multiculturalismo representa a natureza dessa resposta. Ele está voltado à problematização das diferenças e à valorização da diversidade cultural. Desse modo, o multiculturalismo busca não só a valorização das narrativas plurais, mas o questionamento e a problematização do processo de construção da identidade e das diferenças (MOREIRA, 2002).

É válido ressaltar que, por possuir um caráter polissêmico, o multiculturalismo é visto por muitos autores a partir de perspectivas diferentes. Dessa forma, a abrangência cultural do multiculturalismo é, por vezes, interpretada de uma maneira limitada e,

aparentemente, acrítica diante da polissemia do termo. Observemos abaixo as assertivas de Canen (2012, p. 237):

O multiculturalismo é um termo que tem sido empregado com frequência, porém com diferentes significados. Conforme temos argumentado (Canen, 2007), críticos e defensores do mesmo travam, muitas vezes, lutas e discussões em torno de um conceito que, na verdade, pode estar sendo entendido de formas diferentes para os envolvidos em tais disputas. A começar pelo nome: alguns apontam que o interculturalismo seria um termo mais apropriado, na medida em que o prefixo “inter” daria uma visão de culturas em relação, ao passo que o termo multiculturalismo estaria significando o mero fato de uma sociedade ser composta de múltiplas culturas, sem necessariamente trazer o dinamismo dos choques, relações e conflitos advindos de suas interações.

Em “Os Caminhos do Interculturalismo no Brasil”, como o próprio nome previamente explicita, Santiago, Akkari e Marques (2013) procuraram traçar as influências teóricas que contribuíram com o surgimento da perspectiva intercultural na nação brasileira, de modo que refletiram a respeito do processo de emergência dessa perspectiva. Além disso, os autores falam sobre o desafio de a perspectiva intercultural penetrar nas instituições de ensino e na sociedade como um todo, de modo que os atores sociais assumam mudanças de concepções e de práticas discriminatórias presentes nesses espaços.

Além disso, falar sobre multiculturalismo implica em definir a que opção multicultural estamos nos reportando, já que o mesmo apresenta distintas perspectivas. Desse modo, como já mencionamos anteriormente, assumimos como opção multicultural a perspectiva do multiculturalismo crítico, que, assim como abordado por Ivenicki *et al.* (2014, p. 18), “pode ser encarado como movimento que enfrenta os desafios da pluralidade cultural e do desafio a preconceitos, nos campos do saber”.

Tendo como referência esses pressupostos teóricos, três categorias centrais possuem relevância neste estudo: identidade, formação de professores e currículo.

A questão da formação da identidade é muito importante nos cursos de formação de professores, como é o caso da Pedagogia. Percebida como uma construção provisória, plural e contingente, a identidade resulta de uma diversidade de marcadores identitários que não podem ser reduzidos apenas a um marcador mestre, seja ele de gênero, racial, étnico ou outro (IVENICKI; CANEN, 2016). Nessa direção, ao compreender que a identidade é constituída na diversidade, desafia-se o congelamento da mesma, assim como as narrativas que constroem visões dicotômicas, estáticas e homogeneizadoras das identidades. Nesse sentido, o

presente estudo considera a identidade como algo híbrido e, portanto, rejeita qualquer visão essencialista da mesma.

Ao tomar a categoria formação de professores como fundamental nessa pesquisa, busca-se ressaltar que o multiculturalismo deve ser abordado para além do mero entendimento a respeito da tolerância à diversidade cultural. Ao se considerar o multiculturalismo no campo da formação docente requer que busquemos incorporar às políticas e práticas curriculares e pedagógicas ações e maneiras que viabilizem a valorização da pluralidade cultural, que desafiem os preconceitos a ela relacionados e que resgatem vozes oprimidas. Além disso, os cursos de formação de professores possuem a relevante possibilidade de formar profissionais multiculturalmente orientados. Para Moreira (2001, p. 12-13) são esses os docentes mais capazes

[...] de desenvolver formas alternativas de pedagogia que privilegiem a luta pela inclusão e formular, como propõe VAREJÃO (2000), um novo sentido para a desgastada noção de cidadania, a partir de currículos que acolham as diferenças identitárias que marcam os indivíduos e os grupos sociais e, ao mesmo tempo, constituam espaços em que se ensinem e aprendam os conhecimentos e as habilidades necessárias à transformação das relações de poder que socialmente produzem e preservam tais diferenças. É esse professor e são esses currículos que se fazem indispensáveis nas escolas e salas de aula das sociedades multiculturais contemporâneas [...].

Nessa perspectiva, refletir a respeito da formação de professores em uma perspectiva multicultural também requer uma discussão sobre currículo. Desse modo, assumindo a concepção de que o currículo não se constitui como um elemento neutro, mas cultural, ideológico e político, defendemos o posicionamento de que o currículo do Curso de Pedagogia deve proporcionar a formação de identidades docentes culturalmente sensíveis, comprometidas e capazes de desafiar relações de poder assimétricas que perpassam o contexto educacional, lutando contra discriminações e o silenciamento das vozes. De acordo com Ivenicki & Xavier (2015),

em perspectivas mais críticas do multiculturalismo, o currículo multicultural baseia-se de forma mais direta nos cânones defendidos por Freire (1987), em termos de desafio a mecanismos objetivos e subjetivos de opressão, focalizando, de modo mais explícito, processos de racismo, sexismo e nas lutas contra os mesmos.

Isso significa dizer que a adoção de um currículo multicultural para o Curso de Pedagogia é profundamente relevante, uma vez que o mesmo busca superar um ensino monocultural e homogeneizador, no qual a pluralidade cultural é ignorada e os conflitos existentes são mascarados.

1.5 – METODOLOGIA

No que diz respeito aos procedimentos e desenvolvimento desse trabalho de pesquisa monográfico, foi utilizada a metodologia qualitativa, pois esta aprecia a coleta de dados predominantemente descritivos, ou seja, o material obtido por meio dessa metodologia, “é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, inclui transcrições de entrevistas e depoimentos [...]” (CANEN, 2003b, p. 226). Logo, a metodologia qualitativa foi a mais apropriada para o desenvolvimento desse estudo, uma vez que foram realizadas entrevistas com alunos do 1º período que ingressaram no Curso de Graduação em Pedagogia pela segunda opção e com a Coordenadora do referido curso.

Partindo dessa perspectiva, foi feito um estudo de caso na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em um primeiro momento, foram efetuadas entrevistas com alunos do 1º período, no ano de 2015, que escolheram o Curso de Pedagogia como segunda opção (Apêndice A). Esses estudantes foram ouvidos e puderam demonstrar seus universos culturais plurais e explicitar suas identidades, seus motivos pela escolha do curso, suas expectativas e anseios. Posteriormente, foi realizada uma entrevista com a Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia (Apêndice B), atuante em 2015, acerca das perspectivas culturais plurais dos alunos ingressantes, assim como foi dialogado de que modo o curso e o currículo da Pedagogia atendem a essa diversidade.

Esses aspectos serão desenvolvidos nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2

A DIVERSIDADE EM TERMOS DE OPÇÃO PELA PEDAGOGIA

2.1 – INTRODUZINDO A QUESTÃO

Se os coletivos que chegam à universidade têm o direito de ouvir e aprender as concepções, conhecimentos, significados da realidade acumulados no ensino, na pesquisa, na reflexão teórica organizada, a universidade, por sua parte, tem o direito e o dever de ouvir, aprender as concepções, vivências, culturas, valores, conhecimentos, formas de entender-se e entender o real e a rica vivência da diversidade vindos desses coletivos. Sobretudo, de sua história de segregação e silenciamento, que também é espaço de produção de conhecimento e de valores. (ARROYO, 2008, p. 31).

A epígrafe supracitada resume consideravelmente o que foi e o que será abordado no presente trabalho monográfico. Os universitários têm o direito de ouvir e aprender, da mesma forma que a universidade tem o direito e o dever de ouvir e aprender com eles, o que também se aplica a outros espaços sociais, como a escola. É um processo de “mão dupla”, onde o ouvinte e o orador são, ou pelo menos deveriam ser, alternados de acordo com cada circunstância e situação, procurando sempre estabelecer uma relação de reciprocidade, na qual a busca de novas possibilidades de aprendizagens seja constante.

Dessa forma, a proposta de uma formação que valorize a pluralidade requer um diálogo que proporcione a redefinição dos conceitos de ensino, aprendizagem, docência, discência e de formação a partir das diferentes realidades desses coletivos que ingressam na universidade, por exemplo.

Levando isso em consideração, decidimos entrevistar, em 2015, alunos do 1º período. E, em um dia escolhido por nós, fomos à sala de aula desses estudantes ingressantes e explicamos a eles sobre o que se tratava nosso trabalho de pesquisa monográfico e, após o término da aula, cinco alunos do 1º período do Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que o escolheram como segunda opção, por meio do Sisu, propuseram-se a participar da entrevista.

Entrevistados separadamente, esses discentes serão identificados nesse estudo como: A1, A2, A3, A4 e A5 para garantir o sigilo da pesquisa. Nessa direção, a partir da declaração dos referidos estudantes, é possível apontar algumas características a respeito da diversidade dos mesmos: A1, A2 e A3 têm 19 anos, A4 possui 20 anos e a idade de A5 é 18; A1 se definiu

como homem, heterossexual e de classe média; e A2, A3, A4, e A5 declararam serem mulheres e também heterossexuais e de classe social média. No que diz respeito à raça, A1, A4 e A5 afirmaram ser de raça parda. Já A2 disse que muito embora não se considere branca por alguns traços como o cabelo, também não acha que é parda e que por isso se define como branca. Da mesma forma, A3 declarou que a raça que está em sua certidão é a branca, mas que não se considera assim e sim como uma mistura. À época, todos eram solteiros e não possuíam filhos. A1 trabalhava em um Movimento da Igreja Católica e A2 era voluntária em uma Organização Não Governamental (ONG) e em uma escola, já os demais não trabalhavam. Apenas A1 cursou o Ensino Fundamental em uma instituição de ensino privada, assim como o Ensino Médio. A2, A3, A4 e A5 estudaram tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino médio em instituições públicas.

Mais que interessante, é muito importante ver e ouvir como os alunos definem sua identidade. Não há um estudante igual ao outro, cada pessoa é única. Portanto, “em tempos de choques culturais e intolerância crescente quanto àqueles percebidos como ‘diferentes’, a educação e a formação de professores não podem mais se omitir quanto à questão multicultural”. (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 74)

Nessa direção, isso torna evidente e confirma a diversidade que é possível ser encontrada até mesmo em um quantitativo pequeno de pessoas. Dessa forma, muito maior ainda será a pluralidade em todo o curso e em toda a universidade. Essa realidade multicultural sugere a necessidade e a importância de se ter uma maior abertura na Pedagogia à diversidade cultural. Nesse sentido, Akkari e Santiago (2010, p. 24) afirmam que “assumir a diversidade como ponto de partida é condição para avançar em concepções e práticas de educação, de docência e de formação”, de modo que os padrões normatizadores presentes nos espaços de educação sejam refletidos e desconstruídos.

2.2 – A ESCOLHA PELA PEDAGOGIA COMO SEGUNDA OPÇÃO: UMA MARCA DA PLURALIDADE

Em uma sociedade pluricultural como a que vivemos, é essencial compreender que ela é composta por identidades plurais, com base na diversidade de gênero, padrões culturais e linguísticos, raças, habilidades e outros marcadores identitários (CANEN; OLIVEIRA, 2002), e que, portanto, é permeada de escolhas diferentes de distintas pessoas. Assim também, no presente trabalho de pesquisa monográfico, é possível evidenciar que os alunos entrevistados

possuem perspectivas diferentes, opiniões que se encontram e que se conflituam, decisões distintas e motivações diversas. Observemos abaixo como a opção pela Pedagogia consiste em fator também expressivo desta diversidade:

A1 e A3 haviam escolhido como primeira opção no Sisu o curso de Psicologia. Já A2 e A5 tinham os Cursos de Direito e de Comunicação Social como suas primeiras opções, respectivamente. A discente A4 também relatou que tentou ingressar no Curso de Comunicação Social por dois anos, porém não conseguiu. Foi então que a aluna decidiu cursar Pedagogia, sua segunda opção de escolha, porque queria um trabalho em que pudesse fazer a diferença. De acordo com ela, o jornalista é um formador de opinião e a Pedagogia também tem esse poder de formar opinião, de poder mudar a vida de uma pessoa. Então, para ela foi o que chegou mais perto do que sempre quis fazer. A estudante disse que não queria trabalhar com algo que fosse monótono, que se sentasse no escritório e fizesse o que a mandassem ou que mandasse alguém fazer o que ela quisesse.

A1 também expôs porque havia escolhido a Pedagogia como segunda opção: para esse aluno, a Psicologia proporciona ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao próximo, tentando a partir disso ajudar o outro a se formar como ser humano. Portanto, ele havia escolhido a Pedagogia como segunda opção porque, a partir desse pensamento da Psicologia, ele via que a Pedagogia também conseguia fazer isso, só que pelo meio educacional. De acordo com o aluno, esse curso permite que o discente enxergue que além de se formar psicologicamente, intelectualmente, ele também se forma ensinando e aprendendo com a própria vivência com o outro.

Apesar de também ter escolhido a Psicologia como primeira opção, A3 escolheu a Pedagogia por um motivo diferente de A1. Por já haver feito o curso de formação de professores do Ensino Médio (Curso Normal), a aluna alegou que cursar a Pedagogia seria mais uma qualificação e que, portanto, estaria seguindo a carreira. Além disso, ela afirmou que já tinha uma noção do que esse curso abrangia e que isso influenciou sua escolha.

Já A2 contou que em sua primeira tentativa de ingressar no Ensino Superior, escolheu o Curso de Direito como primeira opção, todavia não conseguiu. Dessa forma, ela optou por fazer um ano de pré-vestibular para tentar de novo, mas não conseguiu novamente. Foi então que na terceira tentativa ela decidiu colocar o Curso de Pedagogia como a segunda opção no Sisu:

Eu precisava passar para alguma faculdade, aquela sensação de que você precisa passar, de que não quer fazer de novo o ENEM. Eu nunca tinha pensado em fazer Pedagogia, mas como trabalho em uma ONG com crianças há quatro anos e eu trabalho em uma escola também, então eu sempre tive isso ligado a mim. Então, de repente eu falei: “Eu preciso passar em algum curso”. Eu abri a listagem dos cursos e eu saí “catando”, até que eu olhei a Pedagogia: ‘Pedagogia parece uma boa opção’. E eu fui ver a grade, comecei a pesquisar assim de última hora e eu achei que tinha muito a ver comigo. (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

A5 também compartilhou da mesma da frustração de não obter nota suficiente para ingressar no curso desejado, mas por um motivo diferente que a própria estudante nos conta:

Minha primeira opção era Comunicação Social. Segunda opção eu coloquei mais porque eu estava passando por uma situação lá em casa em que meu pai estava querendo que eu fizesse alguma coisa, querendo que eu escolhesse alguma coisa que eu não tivesse que prestar vestibular de novo ou então fazer cursinho de novo. Aí eu botei Pedagogia como alguma coisa que tivesse próximo da minha nota. Minha nota foi boa e dava para passar, aí eu botei para poder entrar na universidade. (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

Como é possível notar, os motivos que levaram esses alunos a escolherem o Curso de Pedagogia como segunda opção são distintos, mas talvez possamos resumi-los a um: a nota obtida no ENEM. De acordo com dados do Ministério da Educação (BRASIL, 2016) a respeito do Sisu 2016, a relação candidato/vaga da Pedagogia — 27,6 — e suas notas de corte nas modalidades ampla concorrência e cotas na Universidade Federal do Rio de Janeiro — 715,13 e 697,16, respectivamente — foram mais baixas que de outros cursos considerados de maior prestígio social como, por exemplo, Medicina, que a nota mínima para conseguir uma vaga na modalidade ampla concorrência foi de 824,74 e aos que concorreram por meio da modalidade cotas, a nota de corte foi de 801,19, ambas na UFRJ. Também é válido ressaltar que considerando a relação candidato/vaga por curso, a maior procura foi pelo Curso de Medicina, que totalizou 52 candidatos por vaga. Além disso, a desvalorização e o baixo salário do professor são alguns dos fatores que afastam muitas pessoas do desejo pela profissão.

Nessa perspectiva, o fato do Curso de Pedagogia ter sido segunda opção para a maior parte dos estudantes entrevistados, pode significar o que Bourdieu (2006), chama de *escolha pelo possível*, ou seja, já que o estudante não possui base escolar suficiente para se classificar nos exames de seleção dos cursos de maior prestígio social, ele faz a opção pela estratégia mais razoável para ingresso no ensino superior, nesse caso, a Pedagogia. Vivendo, portanto, o dilema de se inscrever para o curso que realmente sonha, aquele que, de fato, deseja ou para

aquele que sua nota lhe permitirá o ingresso na universidade. E, por conseguinte, quando optam por essa segunda situação vivem outro dilema: desistir ou permanecer no curso?

É relevante destacar que a diversidade cultural manifesta-se, também, no fato de que a maior parte dos alunos entrevistados é parda. A identidade social, que parece influir na opção pela Pedagogia, caracteriza os dados obtidos. Desse modo, o multiculturalismo é um caminho promissor para se criarem estratégias que viabilizem a permanência desse alunado, já que, segundo Canen (2007, p. 92), “o multiculturalismo pretende contribuir para uma educação valorizadora da diversidade cultural e questionadora das diferenças, deve superar posturas dogmáticas, que tendem a congelar as identidades e desconhecer as diferenças no interior das próprias diferenças.” Precisamos de uma educação que valorize as diferenças, para o diálogo entre os distintos grupos culturais e sociais, para o reconhecimento do “outro” (CANDAU, 2008).

No entanto, ainda encontramos uma educação que assume uma visão monocultural dos sujeitos envolvidos no processo educacional, dos currículos e das práticas pedagógicas, uma problemática que tem se tornado cada vez mais evidente. Em contrapartida, os “outros”, os “diferentes” — os de origem popular e os afrodescendentes, por exemplo —, ao adentrarem no universo acadêmico desestabilizam sua lógica e instalam outra realidade sociocultural (MOREIRA; CANDAU, 2003).

Por isso, a sugestão que Pérez Gómez (1998 apud CANDAU, 2002) nos faz é bastante pertinente e atual: o autor recomenda que pensemos na escola como um espaço de “cruzamento de culturas”. Assim também podemos entender a universidade da mesma forma. Ele propõe que, a partir dessa perspectiva, desenvolvamos um novo posicionamento, uma nova visão, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se encontram e se entrelaçam em um espaço acadêmico. Assim, também, devemos ter competência para reinventar a escola, bem como a universidade, de modo que reconheçamos e compreendamos o que as identificam, especificam e as distingue dos demais espaços de socialização: “a ‘mediação reflexiva’ que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores” (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 160-161).

2.3. OUVIR VOZES SILENCIADAS É VALORIZAR O CARÁTER MULTICULTURAL DA SOCIEDADE

A primeira evidência que queremos destacar é que, indiscutivelmente, todos os entrevistados afirmaram que estavam achando a Pedagogia um curso muito bom e que possuía uma qualidade muito boa. Em contrapartida, a segunda evidência é que nem todos eles desejavam permanecer no curso. A1 é um dos alunos que sua opção não mudou, segundo ele por questões pessoais. O aluno considerou necessário ressaltar que na Pedagogia há aulas, por exemplo, de História da Educação, Filosofia da Educação, Psicologia da Educação e Sociologia da Educação e que, portanto, o curso consegue abarcar diversos temas, mas não da mesma forma que a Psicologia porque em sua concepção esse curso trata os múltiplos temas de uma forma mais interior no ser humano.

A2 pensava na possibilidade de permanecer na Pedagogia, mas ainda não tinha certeza. Ela destacou que o curso era muito apaixonante e interessante e que foi muito bom escolhê-lo porque a ajudou a perceber que o que ela quer é trabalhar com crianças. Disse, ainda, que já no 1º período sua opção mudou, pois antes queria cursar Direito e que naquele momento estava sentindo vontade de cursar Psicologia, mas que estava pensando na possibilidade de continuar na Pedagogia e, concomitantemente, cursar Psicologia em uma universidade privada ou, então, após concluir o Curso de Pedagogia, fazer um curso de pós-graduação em Psicopedagogia ou um mestrado voltado para essa área. A2 também destacou que, assim como ela, grande parte da sua turma tinha o desejo de ingressar em outro curso, só que ela decidiu fazer a experiência de ficar pelo menos um ano na Pedagogia: “Na minha turma tem muita gente que queria Psicologia, muita, eu diria que 95% das pessoas. Mas eu entrei com a posição: ‘Eu vou me permitir testar, vou me permitir experimentar’, e eu achei isso uma experiência muito boa, muito positiva.” (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

Nesse sentido, como estava vivenciando essa experiência, essa aluna relatou que sabia que o pedagogo pode ser professor da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ser orientador pedagógico, trabalhar com gestão, mas que não sabia todos os cargos que ele pode exercer e muito menos suas funções e que, portanto, achava que essa é uma grande causa de evasão no 1º período: “É aquela sensação de que você não sabe o que vai fazer com isso e aí você fica meio que em pânico, aí você simplesmente troca de curso, porque o outro curso parece que tem um mercado mais certo.” (De entrevista, em 11 de junho de 2015). E citou o Curso de Direito como exemplo: “no Direito você sabe com o que vai trabalhar, você pode ser advogado, você pode ser promotor, você tem coisas mais delimitadas.

E a Pedagogia eu acredito que tenha, só não me contaram ainda.” (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

A3, que também havia escolhido o Curso de Psicologia como primeira opção, declarou que foi bom escolher a Pedagogia, porque essa oportunidade fez com que ela pudesse conhecer o horizonte de possibilidades que esse curso oferece, e que, pelo fato de já ter feito o Curso Normal (modalidade do Ensino Médio), ser pedagogo seria algo promissor. Em contrapartida, ressaltou que sua prioridade continuava sendo a Psicologia:

Antes de a gente conhecer a Pedagogia, a gente fica com um pouco de preconceito, porque todo mundo diz: “Você vai fazer Pedagogia para ser professora de criança?!”, mas você vê que o curso te dá um leque de oportunidades, tem como você trabalhar em diversas áreas. E eu estou gostando sim, mas não é uma coisa que eu goste de verdade. Se tivesse que fazer uma opção entre Psicologia e Pedagogia, eu escolheria Psicologia que, para mim, eu acho que é melhor. Eu acho que gostaria mais, me encanta mais a questão da Psicologia. Mas foi bom escolher a Pedagogia porque nessa área não tem como não dá certo para mim. (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

A4 que, antes, tinha como primeira opção o Curso de Comunicação Social, queria mudar de opção, mas não para a Pedagogia. Essa aluna decidiu que, na próxima inscrição no Sisu daquele ano, tentaria ingressar no Curso de Letras. Segundo a estudante, ela participou de uma palestra com um jornalista e disse que pode perceber que, hoje, o Jornalismo é muito desvalorizado e que o fato dela gostar de escrever e querer ser redatora, fez com que ela mudasse de opção, pois descobriu que existiam outros meios de conseguir conquistar isso. A4 afirmou que cursar Letras iria dar a ela a possibilidade de fazer uma pós-graduação em Redação e que, desse modo, iria permiti-la fazer o que mais gosta: escrever. Além disso, a discente expôs a sua surpresa ao conhecer o Curso de Pedagogia mais de perto, pois achava que nele só haveria ensinamentos sobre como ensinar a criança a ler e escrever:

A pessoa fala: “A Pedagogia é só Educação Infantil”, não tem nada a ver. Eu me surpreendi bastante com o Curso de Pedagogia, se eu não tivesse esse projeto de escrever, eu ficaria na Pedagogia com certeza. Me surpreendeu bastante as informações que eu obtive aqui dentro sobre quanta coisa o pedagogo pode fazer e ele pode fazer a diferença na vida de outra pessoa. Então, não é só ler e escrever, que sabendo ler e escrever eu posso ensinar outra pessoa, não é nada disso do que as pessoas pensam. (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

A aluna A5 também expôs seu posicionamento. Sua opção continuava a mesma: cursar Comunicação Social. A estudante afirmou que estava achando o Curso de Pedagogia difícil, que tinha muitos textos para ler e que não estava conseguindo dar conta de tudo. E, ainda, ressaltou que muito embora também fosse necessário ler muitos textos no Curso de

Comunicação Social, essas seriam leituras que lhe interessariam e que, desse modo, sentiria prazer em estudar.

Como é possível observar, a maior parte dos alunos entrevistados não objetivavam permanecer na Pedagogia, muito embora todos eles considerassem a Pedagogia um curso de boa qualidade. Os professores, de uma forma especial os docentes dos primeiros períodos, têm um papel muito importante na conquista desse alunado. Longe de querer responsabilizar os professores pela evasão dos alunos que escolhem a Pedagogia como segunda opção, mas é inegável sua importância e influência para a permanência dos mesmos. Ter um trabalho pedagógico voltado para o reconhecimento e valorização das diferenças é fundamental, por isso a importância de se ter professores multiculturalmente orientados nas instituições educacionais.

Nessa direção, Souta (1997), fundamentado na perspectiva do multiculturalismo, destaca que o papel do docente é crucial para uma inter-relação entre as diferentes culturas, uma vez que a mesma defende uma educação onde a diversidade não é somente constatada, mas também incluída e valorizada no currículo e nas práticas pedagógicas.

No entanto, é necessário não apenas reconhecer as diferentes culturas existentes na universidade e, também, é preciso que os professores não se disponham apenas a escutar a ‘voz do outro’, dos grupos subalternizados, as vozes de diferentes identidades culturais, mas sim ajudá-los a produzirem novas narrativas. Pansini e Nenevé (2008, p. 42) apontam que:

[...] uma formação multiculturalmente orientada deve ajudar o professor a se dar conta da riqueza que é a cultura do aluno, a compreender que seu papel vai muito além de ensinar os conteúdos, pois deve principalmente questionar as imagens valorizadas pelo currículo que nem sempre são as imagens que no contexto dos alunos devem ser valorizadas para que eles possam contar a sua história e dizer a sua palavra.

Trata-se de ouvir as vozes silenciadas, ou seja, é escutar, por exemplo, as vozes dos alunos que escolheram a Pedagogia como segunda opção. Ultrapassar uma formação meramente técnica e valorizar o caráter multicultural da sociedade no âmbito do currículo e da formação docente. Isso implica, portanto, incorporar, dar valor, respeitar e desafiar as identidades plurais em práticas e políticas curriculares (CANEN; MOREIRA, 2001). De acordo com os autores, implica, ainda, meditar sobre mecanismos silenciadores ou discriminatórios da pluralidade cultural, “que tanto negam voz a diferentes identidades

culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, como buscam homogeneizá-las em conformidade com uma perspectiva monocultural” (Ibidem, p. 16).

Em tempos de grande efervescência cultural e, ao mesmo tempo, ainda em tempos de resistência cultural, de resistência às diferenças do outro, é urgente que organizações multiculturais, como a universidade, rompam com a perspectiva monocultural, o que implica construir um novo currículo e uma nova prática reestruturada a partir de novas abordagens que desafiem a homogeneização, visando a relevância disso não apenas para determinadas identidades, mas para a sociedade como um todo (IVENICKI; XAVIER, 2015).

2.3.1 – FORMAR PROFESSORES PARA UMA EDUCAÇÃO MULTICULTURAL

As expectativas dos alunos entrevistados que escolheram o Curso de Graduação em Pedagogia como segunda opção, de certa forma se assemelham no que se refere ao desejo de que a Pedagogia seja mais valorizada e de que obtivessem um ensino de qualidade. Observemos a seguir:

A1 esperava que, durante sua permanência, o curso pudesse lhe dar ferramentas para que ele viesse a se tornar um ser humano melhor, mais digno de quem ele é. E que, a partir disso, ele pudesse fazer com que outras pessoas também consigam responder a quem elas são e, por conseguinte, consigam também fazer algo de melhor para o mundo.

A estudante A2 ansiava que as pessoas que decidissem não trocar de curso, estivessem fazendo isso porque realmente queriam permanecer. Disse também que sua mãe sempre fala que a pessoa só deve entrar em uma sala de aula se ela acreditar e gostar do que faz. Além disso, enfatizou: “quando dizem para mim que a Pedagogia tem uma evasão muito grande, eu fico até feliz porque significa que quem está se formando é quem realmente quer, quem vai entrar em uma sala de aula acreditando em alguma coisa.” (De entrevista, em 11 de junho de 2015). Ponderou, ainda, que espera ser uma das pessoas que acreditam de verdade. Em contrapartida, disse que só não sabia se iria querer trabalhar em sala de aula, mas que acredita no trabalho que a Pedagogia faz com a criança.

A3 revelou o desejo de um ensino de qualidade que lhe proporcionasse uma boa formação, o ingresso no mercado de trabalho e a estabilidade financeira: “um ensino de tão boa qualidade que eu saia daqui já ingressando no mercado de trabalho logo, que não fique

como as outras pessoas. E também a estabilidade financeira.” (De entrevista, em 11 de junho de 2015). Já a discente A4 almejava que o um curso acabasse com o preconceito de desvalorização da profissão:

Eu acho que o pedagogo pode ir muito além do que as pessoas falam. Eu espero que o curso possa conseguir mudar a mente de muitas pessoas... É que a educação, hoje em dia, está tão desvalorizada. O pedagogo, não desmerecendo Letras, Geografia, é a junção de tudo para tornar a educação o que ela deve ser, que é grande, a parte mais importante da sociedade. (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

Quanto às expectativas de A5 era a de que ela conseguisse ter uma boa aprendizagem e obtivesse um bom resultado do que estava estudando, até mesmo porque, de acordo com ela, “não adianta nada estar fazendo uma coisa e não entender, não aprender.” (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

Apesar de vários problemas — assim como em qualquer curso/universidade — como, por exemplo, de infraestrutura nos prédios, o Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro é percebido como de qualidade boa. Inclusive, possui nota máxima na avaliação do curso pelo MEC/INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e nota 4,0 no último Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE 2014) realizado pelos estudantes de Pedagogia. Além disso, inúmeros egressos, e até mesmo alunos que ainda estão cursando a Pedagogia, conseguem bons empregos, classificam-se em concursos públicos e também ingressam em cursos de pós-graduação. Esses fatos se tornaram muito evidentes durante toda a minha trajetória acadêmica na UFRJ.

No entanto, também é relevante na busca por um ensino e uma universidade de qualidade, que a educação seja priorizada de forma que atenda a todos, que não seja excludente e que haja enfoque nas diferenças e diversidades existentes dentro de um espaço acadêmico, pois é necessário que todos compreendam que a pluralidade e as diferenças sempre irão existir, mas que também tenham clareza que elas não devem ser um problema e sim que precisam e devem ser bem trabalhadas. Por isso, a relevância em reconhecer a universidade como uma organização multicultural, isso porque

as instituições educacionais podem ser compreendidas como espaços organizacionais que apresentam especificidades próprias, mas que compartilham, com outras organizações, de aspectos ligados aos choques e entrec choques identitários de seus atores e às tensões inerentes à construção de uma identidade institucional coletiva (IVENICKI; CANEN, 2016, p. 52).

E, ainda, de acordo com Canen (2012, p. 242), é “aquela que deve apresentar, em suas políticas e práticas, respostas e ações valorizadoras da diversidade e desafiadoras de assédios, *bullying* e preconceitos.”

Dessa forma, o Curso de Pedagogia e outros cursos de formação de professores são, indiscutivelmente, fundamentais na formação de futuros docentes que atuarão nas diversas camadas da sociedade e que serão “peças-chave” na promoção da diversidade cultural no cotidiano de suas salas de aula e agentes diretos no ensino do respeito às diferenças, aspectos esses que se estendem de forma extraescolar, já que seus alunos circulam em outros espaços sociais. Contudo, também não podemos negar que formar professores com posturas multiculturais é um grande desafio. Nesse sentido, D’Adesky (2001) ressalta que formar profissionais para viver em uma sociedade multicultural, de forma que respeitem as diferenças, é desafiante.

Dessa maneira,

considerar a pluralidade cultural no âmbito da educação e da formação docente implica, portanto, pensar formas de valorizar e incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares. Implica, também, refletir sobre mecanismos discriminatórios ou silenciadores da pluralidade cultural, que tanto negam voz a diversidade de identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, como buscam homogeneizá-las em conformidade com uma perspectiva monocultural. (CANEN; MOREIRA, 2001, p. 16)

É sempre necessário levar em consideração que cada aluno tem o direito de ser quem realmente é e quer ser, de assumir sua identidade, independentemente das diferenças e dos rótulos impostos pela sociedade. Por isso, um dos elementos muito importante para a universidade é ter um currículo flexível. É importante ressaltar que assumimos o entendimento de currículo como o conjunto de experiências da aprendizagem, o “conjunto de experiências de conhecimento que a escola oferece aos estudantes” (SILVA, 1996 apud MOREIRA, 2001, p. 42), bem como oferecido também pelas universidades. Desse modo, defendemos um currículo aberto a atender as diferenças e mudanças na sala de aula, na universidade e também na sociedade; um currículo que propicie ao discente uma compreensão mais precisa das diversidades culturais; que o faça crítico dos espaços culturais em que vive, que proporcione a ele a capacidade de analisar os elementos culturais que o rodeiam.

Nesse sentido, Santiago, Akkari e Marques (2013) destacam que o currículo, em uma perspectiva multicultural, pode propiciar a formação de sujeitos que valorizem a pluralidade

cultural e que possuam condições de lidar com as diferenças e com as produções culturais que regulam as relações sociais. Sendo capazes de reconhecer e de respeitar as diferenças, esses alunos também serão capazes de buscar e lutar por um ensino que prime pela qualidade, qualidade essa que não se restringe a conteúdos programáticos, mas que abranja a realidade cultural de cada alunado.

Ter um currículo flexível capaz de atender às demandas e às diversidades que surgem cotidianamente e imprevisivelmente é nada menos que valorizar a riqueza das diferenças. Logo, valorizando as diferenças, estará favorecendo um fator substancial para um ensino de qualidade, além de estar valorizando um curso cujo fundamento é a educação, a formação humana. Da mesma forma que valorizar a educação e a formação de professores é valorizar a diversidade cultural, é valorizar o próprio multiculturalismo.

2.4 – O CURRÍCULO DE PEDAGOGIA SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES ENTREVISTADOS

O próprio fato de o currículo trabalhar na formação de identidades e com a diversidade em uma sociedade multicultural “[...] em que a pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades infiltram-se, cada vez mais, nos diversos campos da vida contemporânea” (MOREIRA, 2001, p. 3), já demonstra a necessidade da incorporação do multiculturalismo no currículo. No entanto, a inclusão dessa temática no currículo das instituições de ensino e cursos destinados à formação de professores ainda é um desafio.

Nessa perspectiva, procuramos saber dos alunos entrevistados o que eles esperavam de um currículo de Pedagogia. Desse modo, o primeiro entrevistado, A1, ao ser indagado sobre isso, disse que não via muito o currículo como algo que fosse tão importante, mas que esperava que ele pudesse lhe dar oportunidade de entrar em lugares, não necessariamente em um espaço de trabalho, em que pudesse ensinar outras pessoas a serem melhores.

A2, a segunda entrevistada, relatou que o que a preocupava mais era a Educação Especial, pois há muitas crianças com necessidades educacionais especiais nas salas de aulas, e que, além disso, não sabia como a Pedagogia nos preparava para trabalhar com esses alunos: “É claro que não tem como você preparar para tudo que existe, mas é preciso aprender a lidar com isso, porque na ONG que eu trabalho tem crianças autistas e sempre rola aquela coisa:

‘Ele é diferente, não sei o que fazer, não vou fazer nada.’” (De entrevista, em 11 de junho de 2015). Disse, ainda, que havia visto a grade curricular de Pedagogia e descoberto que há apenas um período de Educação Especial e que achava isso muito pouco. Destacou, também, seu anseio em ter uma formação em que aprendesse a lidar com as diferenças:

Eu acho que você nunca vai estar preparado 100%, mas pelo menos podiam te contar o que fazer, como lidar com uma criança diferente ou com uma pessoa diferente. Acho que como formação mesmo, mas uma formação dentro da faculdade para você, como pedagogo, entender que existem crianças diferentes e que você pode lidar com todas elas. Elas são capazes de aprender. (De entrevista, em 11 de junho de 2015)

A terceira entrevistada, A3, de uma forma mais sucinta, respondeu que não havia pesquisado a fundo o que o currículo de Pedagogia oferece de formação, mas que esperava que ele desse conhecimentos de qualidade aos alunos.

A4, a quarta aluna entrevistada, disse que não sabia muito bem o que é currículo nem o que esperar de um currículo de Pedagogia, mas ressaltou que sua irmã possuía uma creche e que quando estava na sala de aula desse recinto, podia ver muito da teoria que aprendeu e associar ao comportamento das crianças. Dessa forma, ela relatou que começou a compreender como é importante tudo que se aprende no Curso de Pedagogia. E complementou:

O que eu espero do currículo eu não sei... Eu acho que uma forma de você poder trazer, tirar de dentro da sala de aula para a prática. Você da sala de aula vai passar a ver na prática tudo que você aprendeu ali. Eu acho que é você aprender e ir lá fazer. É que nem na matéria de Psicologia que estudei: você vai aprender a conhecer para aprender a fazer, aprender para poder exercer. (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

Já a última entrevistada, A5, tinha uma expectativa diferente dos demais: “Currículo de Pedagogia? Se eu fosse realmente trabalhar com isso, iria trabalhar em empresa. Acho que não escolheria a parte escolar, acho que não trabalharia com escola.” (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

Como é possível observar, a maior parte dos alunos não sabia muito bem sobre o que é um currículo de Pedagogia, o que não é algo surpreendente e pavoroso já que os mesmos ainda estavam no 1º período e porque compreender o que é currículo é algo complexo que deve ser pormenorizado, minuciosamente trabalhado.

É importante salientar que a literatura especializada em currículo tem apontado distintos sentidos para a palavra currículo ao decorrer dos tempos. Dentre eles, de acordo com Moreira (2001, p. 41), dominam:

[...] os que associam currículo a conteúdos e os que veem currículo como experiências de aprendizagem. Outras concepções apontam para a ideia de currículo como plano, como objetivos educacionais, como texto e, mais recentemente, como quase sinônimo de avaliação.

Nessa direção, defendemos que se faz necessário reconhecer a importância dessas concepções e buscar articulá-las, de modo que as diferenças de cada uma delas dialoguem. Além disso, é fundamental considerar “o conhecimento como a matéria prima do currículo” (Ibidem, p. 42). É válido ressaltar que assumimos, como já afirmado anteriormente, o conceito de currículo como o conjunto de experiências de conhecimento oferecido aos alunos. Argumentamos que essa concepção consegue abranger tanto o conhecimento e as experiências quanto os planejamentos e a relevância na formação de identidades.

Assumindo a perspectiva multicultural em sua vertente crítica ou revolucionária, assim como defendida por McLaren (1997 e 2000), pode proporcionar modificações nas relações vivenciadas pelos discentes ao se incorporar no currículo de Pedagogia e nos demais cursos destinados à formação docente, questões como diferenças de raça, gênero, classe, etnia, orientação sexual, entre outras. Portanto, concordamos com Moreira (2001) e Ivenicki & Canen (2016) quando defendem que a perspectiva multicultural deve estar presente nos currículos das universidades públicas e privadas, considerando-se a identidade como uma categoria central. Além disso, é de grande relevância que, no âmbito das instituições educacionais, a dimensão da identidade organizacional esteja articulada às dimensões identitárias individuais e coletivas (IVENICKI; CANEN, 2016).

No entanto, a perspectiva multicultural ainda se faz pouco presente nos currículos, um exemplo disso é a falsa ou a falta de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, que, dentre tantos motivos, podemos destacar o número excessivo de alunos regulares em cada sala de aula — o que dificulta o trabalho do professor — e a falta de preparo dos docentes em sua formação inicial e continuada. Santos (2013, p. 14), ao falar sobre a inclusão, retrata a respeito da visão que muitas pessoas ainda têm sobre um mundo homogêneo e padronizado:

Os serviços que são oferecidos a quaisquer cidadãos por suas sociedades são únicos, indiferenciados, cabendo, portanto, ao usuário, adaptar-se a eles. E, como a educação constitui parte destes serviços, cabe ao sujeito adaptar-se à educação e à cultura da escola e não o inverso.

Essa visão nos faz crer em uma pseudodemocracia, pois, implicitamente, podemos encontrar nela a concepção de uma igualdade de serviços para todos, cabendo a cada um se organizar e se adaptar para melhor usufruir deles.

Evidentemente, não é possível preparar os futuros professores para todas as possibilidades que possam surgir em uma sala de aula, até mesmo porque cada uma delas é diversa e cada aluno é único. Em contrapartida, minimamente, esses alunos e quaisquer outros cidadãos merecem uma melhor preparação e formação de seus professores. Não basta colocá-los em uma sala de aula e não estar comprometido com o processo de ensino-aprendizagem deles, porque isso não é inclusão. Inclusão refere-se a todos os tipos de esforços em busca de uma plena participação de qualquer cidadão, não somente na educação, mas em qualquer âmbito da sociedade.

Resumidamente, a resposta da discente A2, citada anteriormente, ao ser indagada sobre o que esperava de um currículo de Pedagogia, expressou o anseio que muitos estudantes de Pedagogia sentem de aprenderem a lidar com as diferenças encontradas em seus locais de trabalho. Por isso, também é muito relevante que o professor confira uma orientação multicultural as suas práticas docentes desenvolvidas. Canen (2007, p. 105) destaca que:

O multiculturalismo como horizonte de trabalho docente não é um ‘adendo’ ao currículo: deve, ao contrário, impregnar estratégias, conteúdos e práticas normalmente trabalhados em aula pelo professor [...]. Nesse sentido, mais uma vez, reforça-se o papel do professor como pesquisador constante de sua prática, construindo, no seu cotidiano, perspectivas multiculturais que resultem em discursos alternativos, que valorizem as identidades, desafiem a construção dos estereótipos e recusem-se a congelar o “outro”.

É fundamental que o professor reconheça a multiplicidade cultural encontrada dentro da sua própria sala de aula, de modo que as diferenças não sejam negadas e nem mesmo congeladas. Nas escolas e, de uma forma especial, nas instituições de ensino destinadas à formação de professores, é importante que o docente sensibilize seus alunos para formas plurais de dar significado ao mundo segundo percepções culturais diversas, de forma que sejam estabelecidos diálogos constituídos por valores éticos, humanos, de preservação da vida e de respeito à existência do “outro” (CANEN, 2007). Em suma, é essencial que cursos como

a Pedagogia formem docentes multiculturalmente orientados para atuarem nos diversificados espaços educacionais, logo, multiculturais também.

2.4.1 – DIVERSIDADE DE ESCOLHAS: A PERMANÊNCIA, TRANSFERÊNCIA OU DESISTÊNCIA?

Saber se esses alunos, cuja opção pela Pedagogia não foi a primeira, decidiram permanecer, transferir ou desistir do curso é relevante para o presente estudo. Dessa forma, ao serem perguntados a respeito do que estavam achando do curso, se teriam feito uma boa escolha e se sua opção de curso havia mudado, os alunos, previamente, já nos deram um posicionamento se iriam prosseguir cursando a Pedagogia ou não, como já foi possível observar algumas dessas respostas anteriormente. No entanto, consideramos pertinente e importante indagá-los objetivamente sobre sua permanência, transferência ou desistência do curso. Observemos abaixo suas respostas:

A1, por questões vocacionais, decidiu trancar o curso. Ele disse que é consagrado em um Movimento da Igreja Católica e que, portanto, iria entrar em processo de formação, entre outras atribuições. Destacou, ainda, que se fosse continuar pretendia fazer uma transferência para Psicologia, mas que iria permanecer até quando pudesse.

A2 relatou que tinha colocado como uma de suas metas pessoais que ficaria um ano na Pedagogia para pensar se iria trocar de curso. Ressaltou que muitas pessoas fazem o seguinte: “Vou ficar seis meses e eu entro no Sisu no meio do ano e troco”, mas eu acho que seis meses é muito pouco para você perceber se você gosta ou não de alguma coisa.” (De entrevista, em 11 de junho de 2015). Revelou, ainda, que depois percebeu que um ano também era muito pouco e que, então, ela achava que tudo era muito pouco tempo para perceber. Destacou, também, que sua outra meta era ingressar na UFRJ, mesmo que fosse em um curso que ela não quisesse muito. No entanto, admitiu que a Pedagogia a surpreendeu e que, portanto, estava pensando se iria permanecer ou não no curso. Disse, também, que pensava na possibilidade de ingressar no Curso de Psicologia em uma universidade privada e cursar, concomitantemente, a Pedagogia ou, após a conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia, fazer um curso de pós-graduação em Psicopedagogia ou um mestrado nessa área, conforme dito anteriormente.

A3 afirmou que permaneceria no curso. Ela declarou que preferia continuar porque já tinha certa noção da prática de sala de aula. Aluna egressa do curso de formação de professores do Ensino Médio, diferenciou a formação que estava tendo na Pedagogia da que teve no Curso Normal:

A Pedagogia te dá uma formação melhor, tem como você entender outras coisas que o Normal por si só não te dá. O Normal tem como fazer e já começar a dar aula, só que a Pedagogia já te forma, já te ajuda a alcançar cargos maiores. (De entrevista, em 11 de junho de 2015).

A4 iria transferir de curso. Ela disse que iria transferir para o Curso de Letras e que por seu campus ser na Ilha do Fundão e pelo fato de ela morar na Ilha do Governador, isso seria muito favorável, de acordo com a estudante, pois achava que poderia ter dado o melhor de si se não fosse o desgaste físico de ter que se deslocar todos os dias para o campus da Praia Vermelha, onde está localizada a Faculdade de Educação. Também A5 declarou que pediria transferência de curso.

Como é possível observar, dos cinco alunos entrevistados, três não iriam permanecer na Pedagogia, um ainda não tinha certeza do que iria decidir e um continuaria no curso. Compreender os universos culturais plurais dos alunos e dar respostas a eles (multiculturalismo), pode ser uma medida para se pensar em um diálogo entre a Pedagogia e o multiculturalismo, de modo que esses discentes sejam valorizados em suas diferenças e identidades e não evadam. Desse modo, os dados indicam que ainda há a necessidade de uma maior incorporação e valorização da diversidade cultural nas práticas pedagógicas e no currículo do Curso de Pedagogia.

Mas, então, como se pensar em uma prática pedagógica e em um currículo que tenham, como propósito, a articulação entre as diferentes pessoas e os diversos grupos sociais? Além disso, que tenham também como fundamento a construção coletiva de um curso que integre as diferenças cotidianamente, sem deixar de valorizar e trabalhar na construção da igualdade, de modo que esses alunos não evadam? Como diz Canen (2007, p. 105): “o importante é não nos atermos a fórmulas acabadas ou receitas pré-fabricadas.” Dessa forma, ter uma visão integradora da relação entre igualdade e diferença é fundamental — lembrando-se sempre de não silenciar os aspectos conflitivos —, porque “hoje não é possível se trabalhar questões relacionadas à igualdade sem incluir a questão da diferença, nem se pode

abordar a questão da diferença dissociada da afirmação da igualdade” (CANDAU, 2012b, p. 239).

Também Oliveira (2012 apud IVENICKI; XAVIER, 2015) aponta para a importância de se reconhecer o direito que identidades possuem de serem diferentes, de forma que a educação produza uma diversidade de respostas críticas que tenham como ponto de partida as culturas e lugares epistêmicos subalternos.

Boaventura de Sousa Santos (2001, p. 38) sintetiza isso de forma especialmente pertinente: "As pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza". É válido ressaltar que o que opõe à igualdade é a desigualdade e à diferença é a padronização, a uniformidade. É impreterível compreendermos que o contrário de igualdade não é diferença e vice-versa. Nessa direção, precisamos lutar contra a padronização e todas as formas de desigualdade existentes em nossas salas de aulas, universidades, escolas, enfim, em nossa sociedade. Por isso, Candau (2002, p. 128-129) afirma:

Nem padronização nem desigualdade. A igualdade que queremos construir assume o reconhecimento dos direitos básicos de todos. No entanto, esses todos não são padronizados, não são os "mesmos". Têm que ter as suas diferenças reconhecidas como elementos presentes na construção da igualdade.

Candau (2016, p. 352) afirma que para desconstruirmos visões estereotipadas e pensarmos de maneira mais plural e heterógena, “é importante não partir do espontâneo. O espontâneo vai tender ao que é padronizado. É necessário problematizar.”

Portanto, em um curso que formam docentes, como é o caso da Pedagogia, é fundamental olhar o presente e analisar se está sendo oferecida uma formação multicultural aos seus alunos, se o seu currículo contempla as diversidades dos diferentes grupos sociais e sujeitos presentes no curso e também se as práticas pedagógicas favorecem as diferenças e promovem a inclusão. Mas também é necessário pensar no futuro, olhar adiante e compreender que é no presente que podemos contribuir para a formação de futuros professores multiculturais, pois serão os alunos que estão hoje em nossas salas de aulas, que amanhã poderão ser docentes sensíveis à diversidade porque se sentem capazes de desafiar um ensino homogeneizador e monocultural.

Assim sendo, a Coordenadora do Curso de Pedagogia da UFRJ também foi entrevistada e no próximo capítulo poderemos observar seu discurso, uma vez que dar voz aos alunos é muito importante, mas também ouvir o que a gestão da universidade mencionada acima, nesta ocasião representada pela Coordenadora, tem para nos dizer é fundamental.

CAPÍTULO 3

PENSANDO MULTICULTURALMENTE: ENTREVISTA COM A COORDENADORA

3.1 – INTRODUZINDO A QUESTÃO

Cabe destacar já no início desse capítulo que o multiculturalismo não nasceu nas universidades. De acordo com Candau (2002, p. 130), nasceu da inconformidade de grupos sociais à condição de discriminação e marginalização: “são as lutas dos grupos sociais discriminados e excluídos de uma cidadania plena, os movimentos sociais, especialmente os referidos às questões identitárias, que constituem o lócus de produção do multiculturalismo”.

Já em um segundo momento é que ele penetrou no meio acadêmico, mas ainda hoje sua inserção nas universidades vem ocorrendo lentamente. No entanto, é preciso reconhecer que há avanços nas proposições acadêmicas e na produção científica direcionada para a perspectiva multicultural (SANTIAGO; AKKARI; MARQUES, 2013).

Também Candau (2016) afirma que existe, sem dúvidas, uma crescente sensibilidade na sociedade e nos contextos educativos para as questões relacionadas às diferenças culturais. Em contrapartida, pesquisas também apontam para a dificuldade observada entre professores em conferir uma orientação multicultural às suas práticas (MOREIRA; CANDAU, 2003), o que indica que o caráter monocultural e homogeneizador ainda está muito enraizado na educação. Essa percepção indica a necessidade de se repensar os cursos que formam professores, como é o caso da Pedagogia, e analisar em que medida os mesmos têm contribuído para a formação de docentes multiculturalmente orientados, isto é, preparados para atuar em sociedades multiculturais (CANEN; XAVIER, 2005).

Certamente, os desafios para desenvolver a educação multicultural nas instituições educacionais são muitos, especialmente quando assumimos a perspectiva do multiculturalismo crítico e buscamos superar uma maneira superficial e estereotipada de tratar o tema (CANDAU, 2016). Até mesmo porque

podemos sensibilizar nosso/a aluno/a para o caráter multicultural de nossa sociedade, para a urgência do respeito ao outro, para a percepção e para o

questionamento dos fatores que têm provocado e justificado preconceitos e discriminações. (MOREIRA; CÂMARA, 2008, p. 46)

Também Ivenicki *et al.* (2014, p. 18) afirmam que tal perspectiva considera a valorização da pluralidade cultural e o preparo de professores e gestores como “relevantes para o fomento de uma educação cada vez mais plural, inclusiva e democrática”.

Nessa direção, esse capítulo trata da análise das respostas da entrevista concedida pela Coordenadora de Pedagogia, atuante no ano de 2015, a respeito do curso e dos alunos em suas pluralidades culturais — em termos de raça, gênero e de opção pelo curso, por exemplo —, pois o sucesso de uma gestão multicultural pressupõe reconhecer o pluralismo e a diversidade como elementos-chave da realidade complexa (JANOÁRIO; CANEN; SILVA, 2011) e ao adotar uma postura multicultural, conforme salienta Ivenicki *et al.* (2014, p. 19), “caminha-se para o conhecimento de respostas para a questão da diversidade, seja ela local ou global. Trata-se de valorizar a questão da diversidade entre as diferenças.”

3.2 – A DIVERSIDADE CULTURAL NO CURSO

Convidamos a pensarmos a universidade como uma *arena cultural* (GABRIEL, 2000), um lugar onde diferentes pessoas e distintos modos de significar o mundo, a si e ao outro, dialogam, mas que também entram em confronto. Em um espaço de tantas diversidades, o grande desafio parece ser o de construir um ambiente que as valorize. Desse modo, compreender como é a diversidade dos alunos é fundamental. Portanto, a primeira pergunta feita à Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia é a respeito de como era a diversidade cultural dos alunos que ingressaram no curso em termos de raça, gênero, classe social e orientação sexual em 2015. Ela destacou que:

Quando nós tivemos a primeira entrada com a minha Coordenação, que foi em 2013.2, aí eu passei a fazer um mapeamento de perfil de aluno ingressante. Então, além desse mapeamento de perfil, a gente tem um acompanhamento que é feito com ele através da COAA¹. Na medida em que a gente entra na Coordenação, isso passa a ser não um objeto sociológico do ponto de vista da pesquisa, mas um dado importante para a gente pensar que esse Curso de Pedagogia está formando um futuro profissional que se constitui identitariamente a partir de que marcas, condições, orientações e tudo mais. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

Por meio dessa resposta, é possível observar que há um interesse da instituição, representada pela Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico e pela Coordenadora, à época, em compreender o perfil do aluno ingressante, de entender a

¹ Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico

identidade desses discentes que já trazem consigo, por exemplo, suas marcas, condições e concepções. É importante ressaltar que a identidade é um conceito chave do multiculturalismo. De acordo com Canen (2007), ao levar em consideração o diverso, o plural e o múltiplo, o multiculturalismo encara as identidades plurais como base constituinte das sociedades.

Nessa perspectiva, Canen (2003a, p. 50-51), a partir do multiculturalismo crítico, relaciona três premissas fundamentais sobre a constituição da identidade: a primeira é a de que “a identidade é uma construção contínua, sempre provisória e contingente, constituída e reconstruída em relações sociais”, ou seja, é preciso superar uma visão essencializada, universalista, de modo que a identidade não seja vista como uma essência acabada, homogênea, certa ou única; a segunda está relacionada à “construção da identidade como um processo que envolve ‘marcadores’ plurais, como raça, etnia, religião, gênero, histórias de vida, classes sociais, cultura e outros, que se hibridizam em contextos singulares de significação”; a terceira é a de que “a sociedade é formada na pluralidade de identidades”.

E, ainda, Canen & Canen (2005) sugerem três níveis pelos quais as identidades podem ser trabalhadas: identidades individuais, coletivas e organizacionais. A identidade individual é compreendida como aquela constituída pelas hibridizações presentes nas formas pelas quais as identidades são produzidas nos indivíduos. A identidade coletiva significa o pertencimento a grupos coletivos, de forma que seus direitos sejam representados por esses grupos em espaços sociais, como é o caso de identidades negras, homossexuais e indígenas. Já a identidade institucional ou organizacional é aquela que caracteriza a instituição ou a organização, em articulação com a diversidade cultural, racial, étnica e outras de seus atores, na busca por um clima organizacional saudável, desafiador de verdades únicas e sensível à pluralidade cultural. Trata-se de entender instituições como, por exemplo, a universidade, como organizações multiculturais, isto é, aquelas que devem estar preparadas para atender à pluralidade cultural em todos os seus aspectos, espaços e dimensões. Nesse sentido, Ivenicki & Canen (2016) destacam que uma organização multicultural deve valorizar e incentivar as diferenças culturais.

Ainda de acordo com os referidos autores, se esses três níveis identitários não forem contemplados nas instituições, “podem levar a compreensões parciais das relações que se estabelecem em espaços sociais e educativos” (Ibidem, p. 56).

3.3 – A DIVERSIDADE EM TERMOS DE GÊNERO

No que diz respeito ao gênero dos alunos ingressantes, a Coordenadora ressaltou o seguinte: “a cada ingresso de 2013.2 para cá a gente observa que há uma procura crescente do sexo masculino. Entretanto, essa procura crescente do sexo masculino não significa dizer que se equipara a do sexo feminino” (De entrevista, em 22 de junho de 2015). De fato, o Curso de Pedagogia é majoritariamente feminino. No entanto, hoje ele já conta com mais presença masculina. Há uma maior procura masculina pelo curso do que normalmente já se teve, mas essa procura não é representativa de uma equiparação, de um equilíbrio, ainda há uma ênfase feminina no curso.

Desse modo, há a coexistência de indivíduos distintos e diferentes construções culturais dentro dessa instituição de ensino, logo há também diversos processos de interação que ocorrem nessas relações sociais (BORTOLINI, 2008).

3.4 – A DIVERSIDADE EM TERMOS DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

Ao tratarmos do multiculturalismo também é importante a discussão sobre a orientação sexual, entendendo-a como indissociável dos debates mais amplos sobre diversidade, igualdade e diferença (BORTOLINI, 2008). Nessa perspectiva, a Coordenadora nos falou sobre a orientação sexual desses alunos:

No que diz respeito à orientação sexual, eu não tenho dados objetivos para afirmar que os estudantes de sexo masculino se apresentam com a orientação sexual mais para a homossexualidade do que para a heterossexualidade. Não tenho dados concretos que me permitam afirmar isso. Entretanto, em face de uma série de temas que são recorrentes no curso como, por exemplo, a questão que envolve a homofobia, isso nos permite ter um contato direto com grupos, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, cujo gênero e orientação sexual são mais “homo” do que “hetero”. Mas isso é uma percepção que não tem comprovação de pesquisa, é uma percepção porque eles afirmam, declaram, se autodeclaram e porque participam de discussões sobre a questão e por isso tem a possibilidade de falar sobre isso. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

O Curso de Pedagogia é muito plural e heterogêneo. Portanto, há orientações sexuais diversas no curso e é possível afirmar isso porque os próprios alunos declaram sua orientação sexual e também por meio de discussões realizadas que tratam de temáticas relacionadas à orientação sexual, conforme já mencionado pela Coordenadora. Contudo, é perceptível no curso que ainda há resistência às diferenças por uma parte minoritária, principalmente quando as diferenças estão relacionadas à orientação sexual. Um exemplo disso é que em 2015

aconteceu um ato bastante explícito de homofobia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro: no banheiro feminino foram encontradas algumas folhas onde estavam escritas diversas palavras ofensivas direcionadas aos homossexuais. A Coordenadora do curso e a grande maioria mostraram-se indignadas com esse ato de discriminação. Um exemplo disso foi que a Coordenadora ao saber do acontecimento, rapidamente enviou aos alunos um e-mail de moção de repúdio à homofobia, reiterando que a Congregação da Faculdade de Educação repudia veementemente qualquer manifestação de teor homofóbico e/ou de outro caráter que implique discriminação étnica ou de gênero.

A universidade além de ser um espaço de diálogo, é também um local de confrontos de diferentes concepções culturais. Dessa forma, ao mesmo tempo em que é possível ver e conviver com uma diversidade sexual menos rotulada, ainda encontramos posturas discriminatórias e preconceituosas. Essa incoerência se estende a todo o corpo social, conforme afirma Bortolini (2008, p. 28): o “embate entre diferentes posições, muitas vezes antagônicas, se dá em todo o corpo social, em diferentes lugares e momentos, na família, no círculo de amigos, na comunidade, no trabalho e, é claro, na Escola”, bem como na Universidade.

É inegável que é fundamental combater a homofobia e diversos outros preconceitos. A UFRJ, inclusive, possui o Projeto Diversidade Sexual na Escola², no qual realiza, por exemplo, oficinas que discutem a diversidade sexual na escola, cursos e atividades de formação e sensibilização junto a profissionais de educação da rede pública de ensino e alunos da Educação Básica, além do desenvolvimento de materiais de orientação para docentes.

A educação, sem dúvidas, tem um papel indispensável na construção das identidades e na luta contra os preconceitos. A educação, como prática política de liberdade (FREIRE, 1999), é o desafio que nos anima e incita a prosseguir na luta por uma Universidade e Escola Públicas democráticas e promotoras da justiça social, uma vez que “a problematização e o enfrentamento das diferenças desafiam positivamente a democracia, pois apenas processos democráticos admitem práticas pluralistas, em vez de silenciar ou eliminar as diferenças” (SANTIAGO; AKKARI; MARQUES, 2013, p. 36).

² O Projeto Diversidade Sexual na Escola é uma realização da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculado ao Programa Papo Cabeça, realizado em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Direitos Humanos.

3.5 – A DIVERSIDADE EM TERMOS DE RAÇA

No que se refere à diversidade cultural em termos de raça, a Coordenadora respondeu que:

É colorido. Eu confesso que eu nunca fiquei observando, isso nunca me chamou a atenção. Eu acho que é diverso. A gente tem muitos afrodescendentes, como tem muitos brancos, negros, não sei se tem mais negros do que brancos. Eu nunca olhei para isso. Não sei nem te dizer. Talvez agora eu até comece a olhar. E eu acho interessante porque é um assunto que está aí, está posto. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

Mais uma vez é possível reafirmar que o Curso de Pedagogia é diverso e, como disse a Coordenadora, “colorido”. De fato, há uma mistura de raças no curso. Há negros, brancos, assim como há pardos e amarelos. Durante toda minha trajetória nessa instituição, nunca ouvi nem presenciei atitudes discriminatórias por raça e isso é muito aprazível, no entanto, isso não anula a possibilidade de existência.

Também, ao tocar nessa temática é indispensável ressaltar que grupos e movimentos negros contribuíram e continuam contribuindo de modo significativo para a ampliação da discussão sobre as relações entre educação e multiculturalismo. Candau (2012a, p. 122) diz que:

Torna-se necessário lembrar que o regime escravocrata persistiu em alguns países, como o nosso, até o final do século XIX. No entanto, em diferentes nações, foram muitas as lutas de grupos afrodescendentes por condições de vida dignas e combate à discriminação e ao racismo. Estes grupos têm se caracterizado pela resistência e por suas lutas contra o racismo em suas diferentes manifestações, assim como pela afirmação de direitos e plenitude de cidadania, o que supõe reconhecimento de suas identidades culturais.

3.6 – A DIVERSIDADE EM TERMOS DE CLASSE SOCIAL

Ao ser questionada sobre a classe social dos alunos, a Coordenadora de Pedagogia destacou que:

Em termos de classe social, isso tem mudado bastante, no sentido de que isso muda com o Sisu e com o sistema de cotas. Eu já peguei uma predominância de alunos que vêm da Baixada, Zona Oeste, de Petrópolis, de Magé, de Itaboraí e aí eu não posso te dizer se é uma questão só de condições socioeconômicas. O fato de morar longe não determina a condição socioeconômica dessas pessoas. Objetivamente, o que a gente tem hoje é uma grande diversidade de origens de domicílio. Então, não há uma predominância de morar aqui no entorno. [...] A grande maioria dos alunos tem o capital cultural menos favorecido. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

O fato de os alunos residirem em Magé, Petrópolis, Itaboraí, Zona Oeste do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense, por exemplo, não significa que eles não têm condições econômicas favoráveis. Então, não é porque não moram na Zona Sul do Rio de Janeiro que são de baixa renda. Há, sim, um grupo de alunos que moram no Flamengo, Botafogo, Laranjeiras, Cosme Velho, na Barra, mas a grande maioria dos alunos mora na Zona Oeste do Rio de Janeiro ou na Baixada Fluminense. O que há é uma variedade de residências em locais distintos, conforme explicitado pela Coordenadora. Logo há um cruzamento de culturas, conhecimentos e saberes que se dá de maneiras diferentes (CANDAU, 2012a).

Outro aspecto levantado pela Coordenadora do curso é de que o perfil de muitos alunos de Pedagogia é um perfil que prevalece poucas oportunidades culturais ao longo da sua trajetória de vida e essas oportunidades se ampliam no ingresso à universidade porque o próprio curso vai solicitando isso dos estágios, das atividades acadêmicas complementares, dos diferentes projetos e também pelo próprio fato de transitar pela Zona Sul que tem uma efervescência cultural. O Centro da Cidade do Rio Janeiro, por exemplo, é um “caldeirão” de fabricação cultural. Há uma série de prédios que contam muito da nossa história e que são espaços culturais muito acessíveis, como o Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) e o Museu de Arte Moderna (MAM), e até mesmo o próprio trânsito pelas ruas do Centro da Cidade. Nesse sentido, muitos alunos descobrem a possibilidade de desfrutar de atividades culturais no contexto do próprio Curso de Pedagogia. Então, frequentar espaços como esses é um aprendizado no âmbito do curso e isso é construído para uns e ressignificado para outros.

Desse modo, é possível constatar que o Curso de Pedagogia também possibilita o desenvolvimento de um contexto multicultural aos seus alunos, pois ainda que haja discentes com um capital cultural desfavorecido, eles encontram a oportunidade de ampliá-lo durante o próprio desenrolar do curso.

Nessa perspectiva, ao entendermos a universidade como um espaço imbricado por relações, especialmente por relações de poder, compreenderemos que a educação multicultural “está situada diante das hierarquizações sociais, e o mais complexo problema a ser enfrentado é reconhecer as diferenças e integrá-las a um contexto que não as anule” (SANTIAGO; AKKARI; MARQUES, 2013, P. 23).

3.7 – A DIVERSIDADE PELA OPÇÃO DO CURSO

Ao ser indagada sobre como é essa diversidade em termos de opção pelo Curso de Pedagogia (1ª opção/2ª opção), a Coordenadora do curso, à época, respondeu da seguinte forma:

Quanto à questão da opção do curso, de 2013.2 para cá, têm períodos em que, de fato, a escolha pelo curso não é representativa da 1ª opção desses alunos. É a 2ª opção normalmente. Têm períodos que, majoritariamente, é a 1ª opção. Então, não há um traço definidor. O fato é que isso é um dado que a gente acaba sempre proferindo por aí que a Pedagogia nunca é a 1ª opção, mas não é bem assim, às vezes ela é de fato. Agora, o fato de ser a 1ª opção do Sisu, não significa que seja o primeiro interesse dele. Ele, o estudante, pode ter interesse em outro curso, mas a opção que ele fez pelo Sisu foi a Pedagogia. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

De fato, muitas vezes é enunciado que o Curso de Pedagogia é escolhido, predominantemente, como uma segunda opção de curso. No entanto, de acordo com a Coordenadora do curso, há períodos em que a maioria dos alunos escolhe o curso como primeira opção pelo Sisu, porque há pessoas que realmente queiram cursar a Pedagogia. Porém, não se pode negar o fato de que o discente ter escolhido o curso como primeira opção não é sinônimo de que era o curso que desejava.

Durante a entrevista, a Coordenadora destacou que não basta o aluno ter indicado a Pedagogia como primeira opção, às vezes ele indicou porque era o campo de possibilidades. O estudante analisou o contexto e viu que iria ter mais chances de ingresso pela Pedagogia do que, de fato, pelo curso que ele tinha interesse.

Seja qual for a opção pelo curso — 1ª ou 2ª —, Santiago, Akkari e Marques (2013, p. 43) ressaltam que

o grande desafio do processo educacional é reconhecer os diferentes contextos de nossos estudantes. Para que isso ocorra é necessário que promovamos perspectivas diversas sobre o contexto sociocultural dos mesmos, descentrando as visões e perspectivas únicas e totalizantes [...].

Faz-se necessário, portanto, reconhecer que nem todos os alunos que estão na sala de aula escolheram o curso como uma primeira opção. Tão importante quanto, é conhecer os universos culturais plurais em que os estudantes estão inseridos, sempre lembrando que os discentes são diferentes entre si. Dessa forma, será possível proporcionar um diálogo entre o Curso de Pedagogia e os mesmos.

Skliar (2005, p. 59) considera que:

A diferença sexual, de geração, de corpo, de raça, de gênero, de idade, de língua, de classe social, de etnia, de religiosidade, de comunidade etc., tudo o envolve, a todos nos implica e determina: tudo é diferença, todas são diferenças. E não há, desse modo, alguma coisa que não seja diferença, alguma coisa que possa deixar de ser diferença, alguma coisa que possa ser o contrário, o oposto das diferenças. [...] Em educação não se trata de melhor caracterizar o que é diversidade e quem a compõe, mas de melhor compreender como as diferenças nos constituem como humanos, como somos feitos de diferenças. E não acabar com elas, não para domesticar, senão para mantê-las em seu mais inquietante e perturbador mistério.

A diferença é um elemento constituinte de todos os indivíduos e a educação é um direito que deve ser assegurado a todas as pessoas. Dessa forma, elas nos desafiam a procurar estratégias que articulem as diferenças e o processo educativo e que rompam com as práticas monoculturais e homogeneizadoras (SANTIAGO; AKKARI; MARQUES, 2013).

Nessa perspectiva, estamos tratando de culturas que se mesclam, compartilham e se (re)criam, de maneira contingente e multifacetada (IVENICKI *et al.*, 2014, p. 19), definindo a cultura de cada instituição de ensino.

Também é importante salientar que, de acordo com a Coordenadora, à época, estava havendo muitos cancelamentos de matrícula no curso na passagem do 1º período para o 2º, devido aos alunos continuarem fazendo o ENEM para tentar conseguir o curso de interesse. Observemos a seguir sua fala:

[...] um movimento que está crescente nos dois últimos períodos por conta do ENEM e, conseqüentemente, do Sisu, é que ele passou para Pedagogia neste período, mas ele continua fazendo o ENEM e aí no 2º período ele consegue o curso que era do interesse dele. Então, há um cancelamento dessa matrícula para fazer o curso que, de fato, ele quer. Então, tem havido muitos cancelamentos de matrículas na passagem do 1º para o 2º período e a gente sempre pergunta a razão, porque eles têm que fazer aqui uma entrevista para cancelar, e a razão que tem mais prevalecido é a de que “eu consegui o curso que gostaria”. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

Em contrapartida, com base nas entrevistas realizadas pela Coordenadora, que também era membro da Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico — para que o aluno possa cancelar a matrícula, ele precisa passar por uma entrevista com um membro da COAA —, apareciam falas como: “Professora, eu adorei a Pedagogia, eu não quero desistir da Pedagogia, mas como eu sempre quis fazer Geografia, eu vou para lá, mas eu vou voltar para cá depois”. Um exemplo desses casos é de um aluno que estava cursando a disciplina de Didática com a Coordenadora, já que ela também é professora do Curso de Graduação em Pedagogia. Ele fez Pedagogia no 1º período, mas passou para Geografia no 2º semestre, que era o que ele queria na UFRJ. Então, ele cancelou a matrícula da Pedagogia, porém continuou

se inscrevendo em algumas matérias da Pedagogia, porque o desejo dele é de que quando terminar a Licenciatura em Geografia, cursar a Pedagogia e pedir a dispensa das disciplinas que já fez.

Dessa maneira, casos como esse mostram que a Pedagogia pode não ser a primeira opção para alguns, mas ela acaba às vezes atraindo aqueles que tiveram condições de cursar um período e se identificaram com as temáticas. A Pedagogia é um curso que permite um diálogo com várias áreas e, principalmente, para quem gosta de Ciências Humanas e Sociais é altamente sedutor.

No decorrer da entrevista, a Coordenadora, à época, também apontou à que ela atribuía a diversidade tanto em termos de raça, gênero, classe social e orientação sexual quanto em termos de opção pelo Curso de Pedagogia (1ª opção/2ª opção):

Eu atribuo à facilidade de acesso. E costumo dizer, que o Curso de Pedagogia é um curso de fácil acesso, porém ele não é de fácil permanência. Por quê? Porque ele é um curso que a pessoa tem que estudar muito, é uma ideia altamente equivocada achar que o Curso de Pedagogia é um curso fácil. Ele é muito exigente. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

A Pedagogia é um curso que tem cinco estágios com as suas respectivas Práticas de Ensino. Um curso que é preciso dar conta do conhecimento de base da Educação Infantil; dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que envolve alfabetização e letramento, que por si só já é um compromisso de investimento teórico, epistemológico, prático imenso; da Educação de Jovens e Adultos; da Gestão Escolar; e do Curso Normal (modalidade do Ensino Médio). Além disso, podemos atuar em espaços não escolares que não é uma ênfase na UFRJ, mas que o curso certifica. Portanto, em algumas poucas disciplinas são contemplados também esses espaços, como os museus, ONGs e empresas. Também é um curso que é necessário cursar muitas disciplinas obrigatórias e algumas matérias optativas (escolha condicionada) — eletivas que são disponibilizadas no Curso de Pedagogia — e de livre escolha — disciplinas que são disponibilizadas em toda a UFRJ, exceto as do Curso de Pedagogia. Logo, evidentemente, não pode ser considerado um curso de fácil permanência.

Também podemos salientar que esse curso é considerado de mais “fácil” acesso se comparado ao ingresso nos Cursos de Medicina, Engenharia e Direito, por exemplo. É um curso que se constrói em sala de aula, alunos e professores e o nosso laboratório é a escola. E, ainda, a mensalidade do Curso de Pedagogia nas instituições privadas é um valor mais

acessível do que a de outros cursos. Nessa perspectiva, a procura pela Pedagogia é muito grande, seja no público, seja no privado.

Ainda sobre esse assunto, a Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia, à época, destacou que:

O Curso de Pedagogia é de fácil acesso e porque ele é de fácil acesso, ele permite que pessoas que hoje não estariam no Ensino Superior, estejam. E aí a diversidade vai aparecer, porque a nossa sociedade é diversa, plural e heterógena. Essa é a boniteza da nossa sociedade e é muito importante que o Curso de Pedagogia, justamente porque trabalha com a formação humana, tenha na sua composição professores e estudantes representantes das diferenças culturais, diversidades e diferenças. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

De fato, por ser um curso de mais “fácil” acesso, podemos encontrar uma diversidade muito ampla e rica, seja ela em termos de raça, religião, classe social, etnia, gênero, orientação sexual, seja ela em termos de opção pelo curso. Também é possível notar pelo discurso da Coordenadora que ela reconhece a importância de se trabalhar multiculturalmente. A Pedagogia é um curso que exige pessoas que queiram trabalhar e estudar com humanos. Portanto, ele é duplamente importante (inegavelmente possui muitas outras): primeiro, porque é um processo formativo em torno de pessoas, sobre pessoas, com pessoas, é um trabalho interativo do humano com o humano; segundo, porque tem a função, dentre tantas outras, de formar estudantes — futuros docentes — representantes das diversidades culturais. E para isso, de acordo com Canen & Xavier (2005, p. 336),

formar o professor multiculturalmente orientado implica [...] em trabalhar em prol de um modelo de professor apto a compreender o conhecimento e o currículo como processos discursivos, marcados por relações de poder desiguais, que participam da formação das identidades. Implica em tensionar conteúdos pré-estabelecidos e pretensões a verdades únicas, procurando detectar vozes silenciadas e representadas nesses discursos curriculares, de forma a mobilizar a construção de identidades docentes sensíveis à diversidade cultural e aptas a formular alternativas discursivas transformadoras, desafiadoras do congelamento de identidades e dos estereótipos.

Nessa direção, almeja-se a construção de uma instituição de qualidade, cidadã, “em que os seus atores possuam voz e vez, discutindo-se formas pelas quais as ações pedagógico-curriculares poderiam ser desenvolvidas” (IVENICKI *et al.*, 2014).

Nessa mesma perspectiva, ao ser questionada sobre até que ponto o Curso de Pedagogia atende à diversidade tanto em termos de raça, gênero, classe social e orientação sexual quanto em termos de opção pelo Curso de Pedagogia (1ª opção/2ª opção), a Coordenadora respondeu da seguinte forma:

Eu acho que a gente ainda está engatinhando. Acho que a gente tem muito o que fazer. Quando a diversidade é enfrentada, é porque os alunos criam movimentos e exigem que nós a enfrentemos. A diversidade é enfrentada porque o aluno provoca. Tem alguns professores que porque já são construídos nisso, a sua formação, os seus investimentos de pesquisa já apontam para necessidade de compreender e de trabalhar qualitativamente com a diversidade que é constitutiva da sociedade e, portanto, da escola e, portanto, dos diferentes espaços de formação. Então, eles vão fazer com que isso apareça nas aulas que dão, nas propostas que fazem. [...] Eu acho que a diversidade ainda é enfrentada de forma muito acanhada e ela só é quando os alunos gritam. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

Na Pedagogia facilmente podemos encontrar professores que não são multiculturalistas. Em contrapartida, também temos no curso professores enraizados no multiculturalismo e que são profissionais multiculturalmente explícitos e podemos notar isso, seja porque assim se assumem, seja em suas aulas, em seus grupos de pesquisas, em seus textos, em suas palestras e/ou por terem como referencial teórico pressupostos multiculturais, por exemplo. E, ainda, têm aqueles que não se dizem multiculturalistas, há até quem não goste de ser chamado assim, mas que possuem *potenciais multiculturais* (CANEN *et al.*, 2001)³. Desse modo, quando as vozes plurais não são escutadas é preciso sim que gritem. Por isso,

o educador tem um papel muito importante de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não significa a eliminação de conflitos; pelo contrário, significa a negociação e o diálogo com as diferenças e os conflitos oriundos delas. (SANTIAGO; AKKARI; MARQUES, 2013, p. 43).

Pensando na afirmativa trazida pelos autores, observemos abaixo uma colocação da Coordenadora:

O Curso de Pedagogia está um encanto no que se refere à diversidade. Agora, isso também é gerador de conflitos. Então, ao mesmo tempo em que ele é um encanto do ponto de vista da expressão da diversidade, ele também é uma boa porta de entrada para o estigma, para o preconceito de todos os lados. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

Há na Pedagogia uma rica diversidade, conforme dito anteriormente, e justamente por cada pessoa trazer consigo sua história, sua cultura e suas diferenças, é que há o diverso que se encontra e o diverso que se conflita. É muito importante chegarmos a um ponto em que esses conflitos sejam a favor da transformação e da transcendência humana e não para a domesticação.

³ A expressão refere-se à presença de propostas que evidenciam, no que se refere a intenções, preocupações com temas caros ao multiculturalismo (raça, gênero, sexualidade, diversidade cultural, inclusão, exclusão etc.), destacando-se a formação identitária e o desafio à construção das diferenças e dos preconceitos.

Sob sua análise, a Coordenadora, à época, também respondeu se foi possível observar se os alunos que ingressaram como segunda opção gostaram do curso. Ela explicou que há estudantes nessa condição que na medida em que vão estudando as disciplinas, vão tendo um encantamento, um deslumbramento de estar em um ambiente acadêmico e passam a gostar do Curso de Pedagogia e, por conseguinte, decidem permanecer. A isso a Coordenadora deu o nome de “conversão”:

[...] eu dou o nome de “conversão”. Quer dizer: ele chega muito sem saber o que é Pedagogia, escolheram porque viram lá que a relação candidato/vaga não era tão grande e que as provas que teriam que fazer não exigiriam tanto a matemática, física, química. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

E, ainda, ela prosseguiu dizendo que “os professores têm um papel muito forte nisso, alguns contribuem para a conquista e alguns contribuem para a desistência” (De entrevista, em 22 de junho de 2015). Mais uma vez é reforçada, no presente estudo, a importância do docente na conquista desse alunado que escolheu o curso como segunda opção. E, de fato, há determinadas matérias que mesmo a pessoa que tenha escolhido a Pedagogia como segunda opção, fica absolutamente fascinada com o conhecimento que esse professor tem e pela maneira como ele consegue trabalhar esse conhecimento e isso não se trata de não ser expositivo ou de ser expositivo, mas sim ao que podemos chamar de “brilho no olho”. Por isso, defendemos uma educação multicultural crítica que quer promover o reconhecimento do outro (CANDAUI, 2008) e o diálogo entre a Pedagogia e esses alunos, diminuindo, desse modo, a evasão e aumentando a satisfação em sua escolha.

3.8 – O CURRÍCULO DE PEDAGOGIA E A DIVERSIDADE

Ao se dialogar sobre a diversidade e o Curso de Pedagogia, torna-se indispensável discutir sobre o seu currículo. Dessa maneira, ao ser questionada se o currículo atende a diversidade tanto em termos de opção pelo curso quanto em termos de pluralidade de raças, gêneros, orientações sexuais, classes sociais e outras características identitárias, a Coordenadora destacou que a Pedagogia é diversa e que seu currículo é muito denso e ousado:

O currículo da Pedagogia, invariavelmente, em qualquer lugar do Brasil, ele é um currículo muito ousado, porque a Pedagogia com as Diretrizes Curriculares que foram aprovadas em 2006, ela acabou assumindo uma responsabilidade de formação muito grande. Isso é de uma ambição que faz com que o currículo seja um currículo muito denso, porque além de tudo, a Pedagogia por si só já é plural teoricamente. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

Como falado anteriormente, a Pedagogia é um curso exigente. Com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, instituídas pela Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, a Pedagogia assumiu a formação de profissionais da educação não mais em uma perspectiva especializada, caracterizada pelas antigas habilitações — habilitação A: Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental; habilitação B: Magistério em Educação Infantil; e habilitação C: Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Normal —, mas em uma abordagem integrada, conforme podemos observar:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006, p. 1).

Dessa forma, o currículo de Pedagogia oferece, ao egresso do curso, por meio dessas áreas concomitantes de atuação, um leque de oportunidades. Além das áreas supracitadas, o currículo também propõe uma formação voltada para a pesquisa que é um forte quesito da UFRJ. Também é necessário salientar que a Pedagogia para ser Pedagogia tem que dialogar, por exemplo, com a História, a Filosofia, a Antropologia, a Psicologia e com a Sociologia, pois ela tem uma dimensão teórica plural que se constrói no diálogo com várias áreas de conhecimento porque essas outras áreas são constitutivas da Pedagogia. É plural também por ser constituído por pessoas com diferentes universos culturais plurais, cada qual com suas marcas identitárias. É um curso denso e com duração recomendada, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de quatro anos e meio no turno matutino e vespertino e de cinco no turno noturno. Ele proporciona uma formação teórica sólida e busca preparar seus graduandos para intervir pedagogicamente nas diversas situações, muito embora essa seja uma discussão levantada pelos alunos, principalmente, que criticam a dicotomia entre teoria e prática vivenciada no curso e, portanto, no currículo.

Também é importante destacar que há na Pedagogia algumas disciplinas que já possuem na sua origem, na sua composição e nas formas de serem encaminhadas que já contemplam a diversidade, como é o caso, por exemplo, das disciplinas obrigatórias de Educação Popular e Movimentos Sociais, Educação e Comunicação I, Educação e Comunicação II (Libras), Psicologia da Aprendizagem e Educação, Psicologia do Desenvolvimento e Educação e Antropologia na Educação, e das disciplinas optativas oferecidas em 2016.1, 2016.2 e 2017.1 como, por exemplo: Educação e Gênero, Intelectuais

Negras e Inclusão em Educação. Também existem disciplinas que não possuem na sua composição um enfoque explícito sobre a diversidade, o que não é um impedimento para a pluralidade ser trabalhada, conforme a própria Coordenadora salientou:

Eu acho que a gente não está preparada para lidar com essa diversidade. Ela nos amedronta, porque também a gente não foi formada para isso. Mas a saída que eu vejo é a gente encarar que a nossa sala de aula espelha, reflete e expressa a própria diversidade social. Logo, ela é um espaço precioso para eu trabalhar a diversidade no âmbito da minha própria disciplina seja ela qual for. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

Também é fundamental ressaltar que o multiculturalismo não deve ficar limitado a uma disciplina específica (IVENICKI; CANEN, 2016) e a proposta de um currículo com orientação multicultural não significa, necessariamente, a inclusão de assuntos e tópicos ligados a povos, culturas e grupos, assim como também é defendido por Canen, Souza e Bezerra (2009), mas diz respeito à percepção dos próprios alunos em sua diversidade. Reconhecemos que a incorporação da temática da pluralidade cultural como intervenção curricular representa esforço na promoção de uma educação democrática e pode ser considerado como ponto de partida para se repensar práticas pedagógicas e curriculares direcionadas à diversidade cultural.

Como já mencionado, há professores mais ligados à diversidade que procuram discuti-la e trabalhá-la em suas disciplinas e isso é muito importante destacar. Em contrapartida, durante minha trajetória no curso, foi possível observar que ainda há vários docentes que não conferem uma orientação multicultural a sua disciplina e que não desenvolvem uma prática pedagógica que valorize as diferenças. Nessa perspectiva, tratando-se de um curso que tem como ênfase a atuação no campo docente, é importante repensar que profissionais da educação estão sendo formados no Curso Pedagogia. Santiago, Akkari e Marques (2013) ponderam que é necessário repensar o processo de formação dos professores e a relação que as universidades têm com a temática multicultural. Além disso, faz-se importante o aprimoramento constante da educação e outros olhares, “no horizonte da construção de uma educação de qualidade, crítica e fomentadora de gerações nos valores da cidadania e da valorização da diversidade cultural, rompendo as fronteiras curriculares” (IVENICKI; CANEN, 2016, p. 62).

Portanto, diante da diversidade encontrada em nosso curso, reforçamos que é muito importante a adoção do multiculturalismo crítico, onde o questionamento da construção dos

preconceitos e das diferenças seja o foco do currículo, de maneira que sejam formados professores sensíveis à diversidade e que desafiem um ensino homogeneizador e monocultural. Akkari e Santiago (2010, p. 28) defendem que:

A adoção de uma perspectiva intercultural pode repercutir no cotidiano das instituições educacionais, favorecendo o diálogo entre as diferenças e problematizando discursos que essencializam as identidades. Assim, julgamos importante formar profissionais da educação interculturalmente orientados, conscientes da necessidade de promover um ensino culturalmente sensível, que considerem as perspectivas dos alunos provenientes de diversos grupos culturais e com identidades múltiplas de gênero, raça, padrões linguísticos e outras.

Como afirmou a Coordenadora do Curso de Pedagogia, à época, o nosso trabalho como pedagogos é “trabalhar com homens, sobre homens, para formar homens, entendendo que eles são diversos, eu estou contribuindo para formar pessoas que lidem com a diversidade” (De entrevista, em 22 de junho de 2015). Repensar o currículo para atender as diversidades e as múltiplas demandas é um desafio para qualquer pedagogo. Conforme docentes e alunos emergem na busca de caminhos que valorizem a diversidade cultural e na luta contra preconceitos, discriminações e exclusões, no currículo, certamente serão desafiados por dilemas e complexidades. Como Canen (2012, p. 247) destaca,

a conscientização acerca das abordagens que informam diferentes estratégias curriculares multiculturais, bem como sobre tensões a elas inerentes, devem servir de estímulo para que se continuem as discussões, de forma a desafiar verdades únicas e posturas que homogeneizam as identidades e congelam as diferenças.

E, ainda, ao final da entrevista, foi pedido à Coordenadora que fizesse algum comentário que desejasse em relação à temática discutida. Observemos a seguir:

A diversidade social, no que se refere às suas diferentes dimensões, é algo que grita na nossa sociedade, que nos chama para uma visão mais acolhedora daquilo que é humano, porque eu acho que a gente está vivendo relações e contextos que mais nos domesticam, objetivam do que nos dignificam, enquanto gente que somos. Então, a nossa “gentitude” tem que estar na frente de qualquer relação, nós somos humanos e não podemos ser coisificados e o papel da Pedagogia é esse. O processo de educação é para libertação do sujeito. (De entrevista, em 22 de junho de 2015).

De fato, a consciência nos permite refletir, fazer críticas, ter condições de fazer uma análise mais apurada, que já é próprio do humano. O humano já é dotado de condição cognitiva e é isso que o diferencia dos outros animais, só que isso pode ser empoderado ou não. A nossa relação com o conhecimento é muitas vezes uma relação acanhada, quando na verdade é aquilo que irá contribuir para enxergarmos e entendermos a pluralidade do mundo de forma mais humana, mais madura, menos preconceituosa e menos estigmatizada. Portanto,

é necessário compreender a Pedagogia como um processo que pode favorecer isso, de tal forma que ela não acabe contribuindo para aperfeiçoar processos que coisificam o homem e que não contribuem para a sua transcendência. Paulo Freire (1999) já nos dizia que a educação deve realizar-se como prática de liberdade e não para a “domesticação”, a “alienação” do sujeito. Desse modo, é preciso sempre nos questionarmos que profissionais da educação estão sendo formados na Pedagogia e em outros cursos e universidades e que homem estamos ajudando a construir.

Dessa forma, consideramos a gestão multicultural um aspecto fundamental no Curso de Pedagogia. Ivenicki *et al.* (2014, p. 20) com propriedade destacam que:

[...] a gestão multicultural é para todos: gerir é um encontro cultural. Gerir multiculturalmente é sinônimo de inovação, de aprender como aprender e a pensar de forma crítica. É, também, encorajar os atores educacionais a terem papéis atuantes em seu próprio desenvolvimento educacional e institucional, levando suas histórias e experiências para o escopo do ensino e do aprendizado, desenvolvendo atitudes positivas sobre diferentes grupos de pessoas e aprendendo como avaliar o conhecimento, a partir de diferentes perspectivas.

Juntamente com a gestão multicultural, outro aspecto muito relevante não somente para o curso, mas para as instituições educacionais como um todo, é que não sejamos professores, orientadores, gestores *daltônicos culturais*, mas que enxerguemos o *arco-íris cultural* que há em nossos alunos, em nossas salas de aula, em nossas escolas e universidades e em tantos outros espaços sociais. Romper com o *daltonismo cultural* é um passo indispensável para se promover uma educação multicultural e propiciar uma gestão multicultural. É válido ressaltar que esta é uma expressão utilizada por Stephen Stoer e Luiza Cortesão (1999, p. 56) que a justificam da seguinte forma:

Ao apontar o multiculturalismo como uma nova forma de globalização, Boaventura Sousa Santos afirma que o mundo é um “arco-íris de culturas” (SANTOS, 1995). Ora, partindo deste conceito para uma (eventualmente arriscada) analogia, e admitindo que é importante ser capaz de “ver” este e outros conjuntos de cores, poderemos recordar que algumas pessoas, apesar de disporem de um aparelho visual morfológicamente bem constituído, não são capazes de discernir toda uma gama de tonalidades que compõem o arco-íris. Alguns ficam com uma capacidade reduzida de identificação de tons cinzentos: são os daltônicos. A analogia proposta aqui é a de que a não conscientização da diversidade cultural que nos rodeia em múltiplas situações, constituiria uma espécie de “daltonismo cultural”.

Nesse sentido, é necessário que as práticas educativas rompam com os processos de homogeneização, que ocultam e opõem-se às diferenças e que reforçam o caráter monocultural na educação. Ter presente o *arco-íris das culturas* nas instituições de ensino, de uma forma especial nas práticas pedagógicas e nos currículos, é reconhecer a importância de

se desconstruir práticas naturalizadas, homogeneizadoras e enraizadas no trabalho docente para sermos capazes de criar novas maneiras e estratégias (CANDAUI, 2016) para atuar e intervir no dia a dia de nossas salas de aula e nas suas diversas realidades.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÕES

Assumindo a perspectiva do multiculturalismo crítico, tendo, como foco, a valorização da diversidade e o desafio a preconceitos, o presente trabalho de pesquisa monográfico analisou como o multiculturalismo pode ajudar a entender os universos culturais plurais dos alunos que escolhem o Curso de Graduação em Pedagogia. Ao compreender essas perspectivas culturais plurais e dar respostas a eles (multiculturalismo), podemos contribuir com a permanência dos mesmos, promovendo, desse modo, um diálogo entre esse alunado e a Pedagogia. Argumentamos que a diversidade cultural, além de marcadores identitários, como gênero, religião, raça, orientação sexual, classe social, etnia, dentre tantos outros, também se caracteriza pela presença de alunos que cursam a Pedagogia como primeira opção e aqueles que cursam como segunda opção. Logo, a fusão desses fatores comprova que há no Curso de Pedagogia uma rica pluralidade cultural, uma vez que ele é constituído por sujeitos com identidades plurais, cada qual com uma cultura própria.

Nessa direção, na presente monografia, discutiram-se os dados provenientes dos discursos de alunos e da Coordenadora do Curso de Pedagogia — atuante no ano de 2015 — da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro tomada como estudo de caso. Em um primeiro momento, foi possível constatar, por meio das entrevistas com alunos que escolheram o referido curso como segunda opção, que a maioria deles não iriam prosseguir no mesmo. Além do mais, houve opiniões com relação à diversidade no Curso de Pedagogia, no sentido de aprimorá-lo. Em um segundo momento, por meio da entrevista com a Coordenadora do Curso de Pedagogia, à época, tornou-se notório que seu discurso ao enfatizar a diversidade, apontou para a presença de potenciais multiculturais, uma vez que ela reconheceu a importância do multiculturalismo em um curso de tamanha relevância como a Pedagogia, onde são formados profissionais que atuarão na formação de diferentes indivíduos em diversas camadas da sociedade.

Em contrapartida, os dados ainda indicam que há a necessidade de uma maior inserção e valorização da pluralidade cultural nas práticas pedagógicas e no currículo da Pedagogia, de forma que melhor contribuam para uma formação de docentes multiculturalmente orientados,

sensíveis à diversidade e que desafiem um ensino homogeneizador e monocultural, ainda tão vigente em nossa sociedade.

É verdade que é possível identificar uma maior sensibilidade para as questões relacionadas à diversidade cultural, todavia traduzi-la nos contextos educativos continua sendo um desafio. Isso significa que precisamos repensar nossos próprios paradigmas e buscar construir uma prática educativa que não apenas inclua, mas que se ressignifique diante das diferenças e dos questionamentos que surgem.

Além disso, é importante destacar que os alunos nunca foram esquecidos nas práticas pedagógicas, nos currículos, nos projetos político-pedagógicos, nas escolas e universidades, a questão é como foram e são vistos, como as diferenças foram valorizadas, se desafiaram preconceitos, o pensamento único e o ensino homogeneizador. É preciso assumirmos a diversidade como riqueza. É necessário enxergarmos o potencial pedagógico que há em cada diferença.

A partir do diálogo e da ação, somos capazes de pensar e construir propostas multiculturais que possibilitem relações horizontalizadas, onde a valorização da diversidade seja oportunidade de novas aprendizagens e o currículo seja plural e significativo. Urge que a Pedagogia e outros cursos de formação de professores comprometam-se com a formação de alunos éticos, críticos e valorizadores da pluralidade.

Também é relevante lembrarmos que não podemos responsabilizar esses cursos como o único caminho para a mudança. É preciso reconhecer que isso é responsabilidade de todos nós, é um trabalho coletivo, pois valorizar aquilo que é bom e rico, como é o caso da diversidade, e romper com aquilo que é ruim e pobre, como o preconceito, é algo urgente para nossa sociedade, um imperativo para a nossa realidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Os Coletivos Diversos Repolitizam a Educação. In: DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; LEÃO, Geraldo (Orgs.). *Quando a Diversidade Interroga a Formação Docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

AKKARI, A.; SANTIAGO, M. A Gestão da Diversidade Cultural no Contexto Educacional Brasileiro. *Revista Educação em Questão*. Natal, v. 38, n. 24, mai./ago., p. 9-33, 2010.

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

BORTOLINI, A. Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: uma Perspectiva Interrelacional e Intercultural. In: BORTOLINI, A. (Org.). *Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Educação, Cultura, Violência e Ética*. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão, UFRJ, p. 26-51, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. *Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 24 fev 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Sistema de Seleção Unificada. *Sisu: Balanço das Inscrições e Resultados e Prouni*. Brasília, 19 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://sisu.mec.gov.br>>. Acesso em: 28 jan 2017.

CANDAU, Vera Maria. Sociedade, Cotidiano Escolar e Cultura(s): uma Aproximação. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 79, ago., 2002.

_____. Multiculturalismo e Educação: Desafios para a Prática Pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, p. 13- 37, 2008.

_____. *Didática Crítica Intercultural: Aproximações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar., 2012b.

_____. (Org.) *Interculturalizar, Descolonizar, Democratizar: uma Educação “Outra”?* 1ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

CANEN, A. Formação de Professores e Diversidade Cultural. In: CANDAU, V.M. (Org.). *Magistério: Construção Cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 205-236, 2001.

_____. Refletindo sobre Identidade Negra e Currículo nas Escolas Brasileiras: Contribuições do Multiculturalismo. *Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB*. Campo Grande, n.15, jan./jun., p.49-57, 2003a.

_____. Metodologia da Pesquisa: Abordagem Qualitativa. In: SALGADO, Maria Umbelina Caiafa; MIRANDA, Glaura Vasques de (Orgs.). *Veredas: Formação Superior de Professores*, módulo 4, v. 1, p. 215-240. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2003b.

_____. O Multiculturalismo e seus Dilemas: Implicações na Educação. *Revista Comunicação e Política*, v.25, n.2, p.91-107. 2007.

_____. Currículo e Multiculturalismo: Reflexões a partir de Pesquisas Realizadas. In: SANTOS, L. L. de C.P. & FAVACHO, A.M.P. (Orgs.). *Políticas e Práticas Curriculares: Desafios Contemporâneos*. Curitiba: Ed. CRV, p. 237-250, 2012.

CANEN, A.; ARBACHE, Ana Paula; FRANCO, Monique. Pesquisando Multiculturalismo e Educação: o que Dizem as Dissertações e Teses. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, v. 26, n. 1, p. 161-181, jan./jun., 2001.

CANEN, A.; CANEN, A.G. Rompendo Fronteiras Curriculares: o Multiculturalismo na Educação e Outros Campos do Saber. *Currículo sem Fronteiras*, v. 5, n. 2, p.40-49, 2005.

CANEN, A.; MOREIRA, A.F.B. *Ênfases e Omissões no Currículo*. São Paulo: Papyrus, p. 15-43, 2001.

CANEN, A.; OLIVEIRA, Ângela M. A. de. Multiculturalismo e Currículo em Ação: um Estudo de Caso. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 2, p. 61-74, set./dez., 2002.

CANEN, A.; SOUZA, Aurila da Cunha Souza; BEZERRA, Marlene Jesus Soares. Projeto Político Pedagógico. In: CANEN, A; SANTOS, Ângela Rocha. *Educação Multicultural: Teoria e Prática para Professores e Gestores em Educação*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2009.

CANEN, A.; XAVIER, G.P.M. Multiculturalismo, Pesquisa e Formação de Professores: o Caso das Diretrizes Curriculares para a Formação Docente. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v.13, n. 48, jul./set., p.333-344, 2005.

D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismos e Anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GABRIEL, Carmen Teresa. Escola e Cultura: uma Articulação Inevitável e Conflituosa. In: *Reinventar a Escola*. CANDAU, Vera Maria (org.). Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, S. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

IVENICKI, Ana; CANEN, Alberto Gabbay. *Metodologia da Pesquisa: Rompendo Fronteiras Curriculares*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2016.

IVENICKI, A.; SILVA JUNIOR, P. M. ; LUCAS, S. ; RIBEIRO, W. G. ; FRETIAS, C. L. A. F. D. Extensão Universitária, Multiculturalismo e Gênero na Formação Docente. In: IVENICKI, Ana; MARQUES, Luciana Pacheco (Orgs.). *Educação e Multiculturalismo: Perspectivas, Tendências e Desafios. Educação em Foco* (Juiz de Fora), v. 19, n. 1, mar./jun., p. 17-36, 2014.

IVENICKI, Ana; XAVIER, G.P.M. Currículo Multicultural e Desafio a Fronteiras de Exclusão: Reflexões e Experiências de Construção Docente Coletiva. In: NASCIMENTO, Adir Casaro; BACKES, José Licínio (Orgs.). *Inter/multiculturalidade, Relações Étnico-culturais e Fronteiras da Exclusão*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

JANOÁRIO, Ricardo de Sousa; CANEN, Ana & SILVA, Rita de Cássia de Oliveira. Formação do Gestor Multicultural: possibilidades e tensões. In: RANGEL, Mary (org.), *Diversidade, Diferença e Multiculturalismo*. Niterói: Intertexto, 2011, p. 43-73.

McLAREN, P. *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Multiculturalismo Revolucionário: Pedagogia do Dissenso para o Novo Milênio*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

MOREIRA, A. F. B. Currículo, Cultura e Formação de Professores. *Revista Educar*. Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, p. 39-52, 2001.

_____. Currículo, Diferença Cultural e Diálogo. *Educação & Sociedade*, n. 79, p. 15-38, 2002.

MOREIRA, A.F.B.; CÂMARA, Michele J. Reflexões sobre Currículo e Identidade: Implicações para a Prática Pedagógica. In: MOREIRA, A.F.; CANDAU, V.M. (Orgs.). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 38-66.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação Escolar e Cultura(s): Construindo Caminhos. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, nº. 23, p. 156-168, mar./ago., 2003.

PANSINI, Flavia; NENEVÉ, M. Educação Multicultural e Formação Docente. *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 1, p. 31-48, jan./jun., 2008.

SANTIAGO, M.C.; AKKARI, A; MARQUES, L.P. *Educação Intercultural: Desafios e Possibilidades*. Petrópolis: Ed. Vozes, p. 15-33, 2013.

SANTOS, B.S. As Tensões da Modernidade. *Fórum Social Mundial*, Biblioteca das Alternativas, 2001.

SANTOS, Mônica Pereira dos. *Dialogando sobre Inclusão em Educação: Contando Casos (e Descasos)*. Curitiba: CRV, 2013.

SILVA, T.T. da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 73-102, 2000.

SKLIAR, C. A Questão e a Obsessão pelo Outro em Educação. In: GARCIA, R.L.; ZACCUR, E. & GIAMBIAGI, I. *Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 49-62.

STOER, Stephen R. & CORTESÃO, Luiza. Levantando a Pedra. *Da Pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educativas numa Época de Transnacionalização*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SOUTA, L. (1997). *Multiculturalidade e Educação*. Porto: Profedições, 1997.

APÊNDICES

**APÊNDICE A – Entrevista com Alunos que Escolheram o Curso de Pedagogia como
Segunda Opção**

Dados de Identificação:

Idade: _____

Sexo: Feminino () Masculino ()

Instituição de formação do Ensino Fundamental: Pública () Privada ()

Nome: _____

Instituição de formação do Ensino Médio: Pública () Privada ()

Nome: _____

Estado civil: _____

Filhos: Sim () Não () Se sim, quantos ? _____

Trabalho: Sim () Não () Local: _____

- 1) Como é que você define a sua identidade, em termos de gênero, raça, orientação sexual e classe social?
- 2) O que te levou a escolher o Curso de Pedagogia como segunda opção?
- 3) O que você está achando do curso? Sua opção mudou? Foi bom escolher o curso ou não?
- 4) O que você espera do curso, mesmo sendo sua segunda opção?
- 5) O que você espera de um currículo de Pedagogia?
- 6) Você pretende permanecer, transferir ou desistir do curso? Ou ainda não decidiu?

APÊNDICE B – Entrevista com a Coordenadora do Curso de Pedagogia

- 1) Como é a diversidade cultural dos alunos que ingressam no Curso de Pedagogia em termos de raça, gênero, classe social e orientação sexual em 2015? Gostaria que a senhora falasse um pouco sobre isso.
- 2) Como é essa diversidade em termos de opção pelo Curso de Pedagogia? (1ª opção/ 2ª opção)
- 3) À que a senhora atribui tanto a diversidade da primeira questão quanto da segunda?
- 4) Esse quadro de diversidade tem se modificado nos últimos anos:
 - 4.a) Em relação à diversidade da primeira questão?
 - 4.b) Em relação à diversidade da segunda questão?
- 5) Em que medida os alunos que ingressaram como segunda opção no Curso de Pedagogia gostaram do curso? A senhora tem alguma notícia disso?
- 6) Até que ponto o Curso de Pedagogia atende a essa diversidade tanto mencionada na questão 1 quanto mencionada na questão 2?
- 7) E o currículo da Pedagogia?
- 8) Por favor, faça algum comentário que deseje com relação a essa temática.